

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO –UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA -CCSST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO -MESTRADO

WELBERT DE SOUSA QUEIROZ

**A PELE QUE HABITO:** A construção da identidade profissional dos jornalistas  
negros em Imperatriz - MA

IMPERATRIZ -MA  
2022

WELBERT DE SOUSA QUEIROZ

**A PELE QUE HABITO:** A construção da identidade profissional dos jornalistas  
negros em Imperatriz - MA

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão. Linha 2 de pesquisa: Processos Sociopolíticos na Comunicação Contemporânea.

Orientadora: Profa. Dra. Letícia Conceição  
Martins Cardoso

Coorientadora: Profa. Dra. Roseane Arcanjo  
Pinheiro

IMPERATRIZ - MA  
2022

**A PELE QUE HABITO: A construção da identidade profissional dos jornalistas  
negros em Imperatriz - MA**

WELBERT DE SOUSA QUEIROZ

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão. Linha 2 de pesquisa: Processos Sociopolíticos na Comunicação Contemporânea.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Letícia Conceição Martins Cardoso (Orientadora)  
Doutora em Comunicação  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

Profa. Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro (Coorientadora)  
Doutora em Comunicação Social  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

Profa. Dra. Flávia Almeida Moura  
Doutora em Comunicação  
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Dedico este trabalho à minha família, amigos, em especial à minha mãe e à toda minha ancestralidade que me possibilitaram estar aqui hoje e a todo incentivo dos meus professores por acreditarem na educação enquanto revolução.

## **AGRADECIMENTOS**

Honrar é retornar para si mesmo! É com essa frase que agradeço a toda minha ancestralidade e a oportunidade que me foi dada.

Mais do nunca, sou grato a Deus e à ciência pela saúde e pela proteção nesses dias tão difíceis.

À minha mãe Rejane Sousa, filha de Maria Sá, mulheres de fibra que tiveram suas trajetórias marcadas por uma infância suprimida pelo trabalho nos cocais e por toda uma trajetória de dificuldades, dores e vitórias. Espero que essa nossa conquista, reafirme nossa resiliência e que possamos compartilhar mais sorrisos que lágrimas a partir de agora.

Ao meu pai, irmão, cunhada e sobrinhos que foram meu aporte emocional e que sempre acreditaram que eu era capaz e que não mediram esforços no apoio durante essa jornada.

À minha orientadora, professora Dra. Letícia Cardoso, que também teve uma trajetória incrível ao logo desse percurso, foi mãe, em jornada dupla ou tripla, acredito eu, e mesmo assim acreditou nesse projeto, mais que a mim. Obrigado por tudo, essa é uma dívida de alma que tenho com você.

À minha coorientadora, Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro, que criou mais um espaço em sua agenda que já estava bem lotada para me orientar durante o período de licença da minha orientadora. Obrigado pelo incentivo, as palavras carinhosas e o cuidado que teve comigo. Obrigado por ser humana, a universidade carece de profissionais como vocês.

Às minhas colegas de turma, que me agarram pelo braço e me fizeram perceber que era possível seguir mesmo com tantas perdas e pouca estrutura psicológica que a pandemia aflorou em todos. Não foi fácil, mas estamos aqui. Obrigado por tudo!

Ao Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal do Maranhão, que teve que se reinventar nessa modalidade semipresencial.

Aos meus amigos da vida e profissão Maurício Sousa e Hyana Reis por sempre serem meus braços e melhores conselheiros. Por fim, à minha colega de trabalho Thaís Marinho que cobriu todas as minhas faltas e sofreu durante as minhas aulas!

“Tem que mudar a mentalidade de que preto parado é suspeito e correndo é culpado, isso tem que mudar”

(Maju Coutinho)

## **RESUMO**

O presente trabalho busca refletir sobre as identidades dos jornalistas negros de Imperatriz (MA) que trabalham nos veículos de comunicação da cidade (TV, Rádio, Jornais e Assessorias). Pretendemos compreender o processo de construção das identidades profissionais desses jornalistas, que se autodeclaram negros. A partir de procedimentos metodológicos quanti-qualitativos, realizamos o mapeamento desses profissionais para produzir um panorama sobre sua inserção no mercado de trabalho local. Em seguida, por meio de observações de campo e entrevistas, tivemos subsídios para tecer reflexões sobre aspectos das identidades negras e como esses jornalistas se percebem, destacando os desafios enfrentados por esses profissionais no campo da comunicação. A discussão será orientada pela teoria das mediações (MARTÍN-BARBERO, 1998) e pelos estudos de identidade de Stuart Hall (2003), além de uma recuperação sobre negritude e racismo estrutural no Brasil.

### **PALAVRAS- CHAVE:**

Jornalismo; Mediações; Negritude; Identidade.

## **ABSTRACT**

The present work reflects on the identities of black journalists from Imperatriz (MA) who work in the city's communication vehicles (TV, Radio, Newspapers and Advisory). We intend to understand the process of construction of the professional identities of these journalists, who declared themselves black. Based on quantitative-qualitative methodological procedures, we mapped these professionals to produce an overview of their insertion in the local job market. Through field observations and interviews, privileged to weave black identities and highlighted the challenges of communication, through professional issues, by these black identities and journalists. The discussion will be guided by the theory of mediations (MARTÍN-BARBERO, 1998) and by the studies of identity, by Stuart Hall (2003), in addition to a recovery on blackness and structural racism in Brazil.

## **KEYWORDS**

Journalism; mediations; Blackness; Identity.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. CULTURA ESCRAVOCRATA E NEGRITUDE NO BRASIL.....</b>	<b>15</b>
2.1 Racismo Estrutural no Contexto Brasileiro Contemporâneo.....	20
2.2 Negritude e Noção de Identidades em Processo.....	23
2.3 Imprensa Negra no Brasil e Mercado Jornalístico.....	29
<b>3. IDENTIDADES E MEDIAÇÕES: UMA ABORDAGEM TEÓRICO- METODOLÓGICA.....</b>	<b>37</b>
<b>3.1 Identidades na perspectiva processual de Stuart Hall.....</b>	<b>38</b>
3.1.1 Raça, Racismo e Etnia.....	42
<b>3.2 Teoria das Mediações: aporte teórico-metodológico para estudar jornalistas negros em Imperatriz.....</b>	<b>45</b>
3.2.1 Mediações da institucionalidade e tecnicidade na prática profissional de jornalistas negros em Imperatriz.....	49
3.2.2 Questionários: Bola de Neve.....	55
3.2.3 Entrevistas.....	58
<b>4. A PELE QUE HABITO: QUEM SÃO JORNALISTAS NEGROS EM IMPERATRIZ.....</b>	<b>58</b>
<b>4.1 Perfil do profissional negro: entre discursos e contradições.....</b>	<b>58</b>
<b>4.2 Quando me tornei negro?.....</b>	<b>79</b>
<b>4.3 O jornalista negro ganha menos.....</b>	<b>82</b>
<b>4.4 A Imagem construída sobre o jornalista é branca.....</b>	<b>86</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>97</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Para pensar as identidades profissionais e negras de jornalistas em Imperatriz (MA) é preciso levantar a seguinte problemática: Quem é o jornalista negro em Imperatriz do Maranhão? Como vive e trabalha? Quais as condições profissionais e de remuneração? Existe preconceito racial nas empresas?

Assim, o objetivo geral desta pesquisa é compreender o processo de construção de identidades profissionais dos jornalistas negros nos veículos de comunicação na cidade Imperatriz - MA. O trabalho apontará reflexões qualitativas e quantitativas sobre o contexto em que se constroem as identidades de jornalistas negros na cidade, ao mesmo tempo em que interpretará dados sobre as singularidades do mercado de trabalho regional.

Os objetivos específicos da pesquisa contemplarão: Mapear e construir um panorama sobre a inserção de jornalistas negros nos veículos de comunicação em Imperatriz (TV, rádio, jornal e assessoria); estudar sobre o que é ser negro, suas significações e aspectos identitários que interferem na constituição dos jornalistas negros em TV, rádio, jornal e assessorias de Imperatriz; reconhecer aspectos sociais, culturais, escolares, de gênero e de classe que permitam entender as identidades do jornalista negro; identificar os desafios e constrangimentos profissionais enfrentados por esses profissionais; apresentar as percepções dos jornalistas negros sobre a profissão e suas nuances (sociológicas, empresariais e profissionais) percebidas por esses profissionais.

Antes de iniciar o processo de análise propriamente dito, peço licença para externar uma parte de minha inquietação quanto as relações sociais e identitárias encontradas no mercado no que diz respeito a ser um jornalista negro. Pois, parto de um lugar de identificação enquanto profissional negro de comunicação e também como pesquisador negro que se desafia a problematizar algo que lhe parece tão familiar, num esforço científico e também político para analisar o objeto de estudo aqui defendido.

Até entrar no campo de atuação jornalística em janeiro 2013 a questão racial para mim, que me autodeclaro negro, sempre partiu de um lugar de sobrevivência em relação às oportunidades. Venho de uma ascendência de negros e em destaque às “quebradeiras de coco”, partindo da minha ascendência materna, mulheres fortes que sempre utilizaram da subsistência da terra para prover sua família. Falar em

ascendência aqui, é compreender todo o processo histórico de sangue e luta a que os negros foram sujeitos para que eu pudesse estar aqui hoje.

É com esse aporte familiar e de luta pela sobrevivência que alcanço patamares básicos de informação e educação que me tocam e permitem que eu desenvolva minha consciência negra. Entender os processos de identidades sociais sempre foi alvo de minha inquietação. E a partir da minha aproximação com o campo é que percebi que venho construindo minha identidade negra e profissional a partir de identificações e do meio em quem vivo.

Como citado anteriormente, sobre a nossa aproximação pessoal com o objeto de estudo, me identifico com parte do campo pesquisado, por ser jornalista negro e por conhecer a realidade social, de perto, vivenciada pelos jornalistas negros em Imperatriz-MA.

A aproximação com o campo de pesquisa me proporcionou uma identificação com os relatos dos entrevistados. No sentido atribuído por Hall (2005), a identificação não é automática, mas está em processo, pode ser ganhada ou perdida. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diversos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente e imutável. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Desse modo, os casos de racismo, as desigualdades em suas diversas formas, como a salarial, por exemplo e falta a de oportunidades enfrentadas pelos jornalistas negros de Imperatriz, possibilitou-me uma surpresa enquanto pesquisador, a identificação e congruência com a minha trajetória no mercado foi muito próxima em diversos momentos.

O maior desafio enquanto pesquisador dessa temática é estar trabalhando e olhando no outro, processos identitários que manifestam suas significâncias em mim. Percebo que optar por uma questão social pode levar a uma transformação estrutural no jornalismo, é sentir que estou e estamos contribuindo para a mudança cultural como pessoas negras.

Apesar de ainda sofrermos racismo em nossa prática profissional, percebemos que lutar em prol da igualdade racial é uma ética de vida.

Por que A Pele Que Habito? Ao iniciar os estudos sobre a construção das identidades dos jornalistas negros de Imperatriz-MA, foi perceptível como as relações

de violência, desigualdade e o processo racista estrutural do Brasil contribui nesse construto.

A partir disso, lembrei de algo parecido que já tinha observado em uma obra cinematográfica, *La Piel que Habito* (A Pele Que Habito ou A Pele Onde Eu Vivo), um filme espanhol, de drama e suspense de 2011, realizado por Pedro Almodóvar. O filme é uma adaptação de *Tarântula*, romance francês publicado em 1984 por Thierry Jonquet.

Para quem já teve o prazer de conhecer a obra de Almodóvar, ela conta a história de *Tarântula*, de forma mais direta e fragmentada, mesmo assim, trazendo de maneira muito bem escrita e roteirizada as relações entre sequestrador e cativo, dominador e dominado.

Assim como a obra traz as relações de violência e de imposição entorno da redesignação de identidade de um personagem homem que tem seu corpo modificado a partir de diversas violências cirúrgicas não consentidas, percebemos que essas relações de violências e até mesmo de não identificação é o que estamos estudando, a diferença é que aqui, olhamos para uma perspectiva racial no campo profissional.

A apropriação do termo *A Pele Que Habito*, intenciona refletirmos sobre a construção das identidades dos jornalistas negros de Imperatriz-MA e ao longo dos capítulos, assim como no enredo do filme, percebemos que esses profissionais negros vivem na pele as violências experienciadas numa sociedade estruturalmente racista. À guisa do filme, o preconceito e a ignorância conduzem à desumanização e à violência. As pessoas negras sofrem vigilância e violência de diversas naturezas, tal qual a protagonista do filme que teve sua pele transformada pelo sequestrador.

Nesse sentido, esta pesquisa aponta alternativas para a sociedade aproveitando a perspectiva dos sujeitos. Há uma semelhança de horizontes entre o que a análise cultural (MORAES, 2016) propõe e o que eu já estava disposto a fazer como pesquisador, estudar as identidades dos jornalistas, por uma via conjuntural, política e articulando produção e consumo. O método de procedimentos desenvolvido pelos estudos culturais permite que sejam acionados protocolos e/ou estratégias de pesquisa alinhados ao campo interdisciplinar, no que recorreremos ao mapa das mediações de Martín-Barbero (2009).

Como destacam os trabalhos de Freidson (1996) apud Agnez (2014, p.15), consideramos necessário analisar uma profissão “no contexto histórico, nacional e

político de legitimação e reconhecimento enquanto uma categoria, com um mercado de trabalho a ser delimitado”.

Por isso faz-se necessário revisar as condições e desafios enfrentados pelos jornalistas negros em Imperatriz do Maranhão. Levando em consideração todo o processo de desigualdade histórica do jornalista negro no Brasil, é de extrema importância a investigação dessas perspectivas nesse campo profissional. Tim Lopes (1990) relata uma realidade histórica:

Não existe, em qualquer redação de jornal, um só repórter negro, mulato, moreno claro ou cafuzo – todos negros no sangue, embora alguns sem o menor orgulho de pertencerem à raça – que, por trás da máscara da simpatia, não tenha sido, um dia, objeto de brincadeira debochada e, acima de tudo, discriminatória, com relação à etnia, pelos colegas branquinhos (LOPES, 1990, p.12).

A dinâmica do ser negro no Brasil passa por um processo de violência física, simbólica e de silenciamento. A invisibilidade do “não se fala e não se diz” torna cada vez mais necessárias iniciativas que se proponham a pesquisar a identidade do negro, estendendo-se principalmente à ideia de reconhecimento no âmbito profissional. “Talvez, as marcas, os sentidos e os significados desses discursos, se apropriados pela academia e pela categoria, tornem mais humanas as percepções de profissionais sobre a realidade individual, a organização coletiva e a relevância social da profissão para questões de interesse de toda a sociedade” (ROSA, 2014. p. 11).

Essa dinâmica se estende e impacta também à realidade identitária dos profissionais de comunicação (jornalistas), realidade essa que abrange questões raciais e ideias de pertencimento.

A perspectiva de raça e gênero sobre o jornalismo como profissão no Brasil pode ofertar elementos que possibilitem novos aportes sobre a identidade profissional, relações de trabalho, gestão de carreira, rotinas produtivas e até mesmo relacionamento com o público. (ROSA, 2014. p.11).

O jornalismo profissional está diretamente vinculado à prática da reportagem com coleta e produção de notícias, apesar disso a modernidade e as novas tecnologias incorporam e alteram essa atividade constantemente, assim cada posto de trabalho possui cultura, identificações e especificidades únicas.

As identidades, no contexto social, são compreendidas enquanto um conjunto de significações que abrangem uma realidade ao mesmo

tempo física e subjetiva, construída a partir do mundo de experiências dos sujeitos e resultado de sensações (consciência) sobre “si” em relação aos demais atores e ambientes externos (MUCCHIELLI, 2009, p.59).

De acordo com o autor, as profissões fazem parte das instâncias objetivas, históricas, materiais e verificáveis, essas são as instâncias subjetivas das profissões que esse autor nos mostra, constituindo uma identidade social.

A reflexão acerca das identidades de jornalistas negros se faz necessária para podermos construir um pensamento a partir das realidades, identidades e vivências desses profissionais, pois estas, influenciam os contextos socioeconômicos e socioculturais de cada indivíduo.

Para defender os argumentos desta dissertação, desenvolvemos o texto em itens que vão problematizar a questão das identidades da forma sistematizada a seguir: No segundo capítulo, discutimos a cultura escravocrata e noções sobre negritude no Brasil. Retomamos uma breve história da imprensa negra brasileira e apresentamos uma narrativa sobre o jornalismo como prática profissional.

Já o terceiro capítulo apresenta uma discussão teórica sobre identidades, enfocando conceitos de raça, racismo, etnia e identidades culturais. Além disso, expomos uma apropriação da Teoria das Mediações, com detalhamento das instâncias do mapa metodológico das mediações de Martín-Barbero (2009), para analisar o objeto. Aproveitando a rota que aponta para a metodologia, descrevemos também neste capítulo os principais procedimentos de pesquisa acionados para obtenção de dados empíricos, a saber questionários e entrevistas.

No quarto capítulo, mais analítico, apresentamos os achados da pesquisa e nossas interpretações, construindo interlocução com os relatos dos entrevistados e os dados empíricos das observações realizadas, orientados pela análise cultural dos Estudos Culturais.

## 2. CULTURA ESCRAVOCRATA E NEGRITUDE NO BRASIL

O movimento negro surgiu no Brasil dentro do contexto da escravidão, para que as pessoas escravizadas pudessem se defender, resguardar e protegerem-se das violências e injustiças praticadas pelos escravagistas. A partir disso, tem-se as primeiras movimentações de resistência e união entre os negros na história do Brasil.

Para compreendermos de uma perspectiva histórica as questões do Jornalista negro no Brasil, faz-se necessário elaborarmos uma linha cronológica da escravidão no Brasil, destacando alguns marcos históricos dos negros em diversos espaços na sociedade.

A informações a seguir foram compiladas a partir das publicações *“Escravo, nem pensar!: Uma abordagem sobre o trabalho escravo contemporâneo na sala de aula e na comunidade”* (SUZUKI, 2015. 152p), e da série especial quilombola *“Na raça e na cor”*, material *“Luta quilombola pela terra – Conquistas e marcos históricos no Brasil”* (PORTO, 2017. 22p).

A compilação desses marcos históricos faz-se necessária para partirmos, com fatos históricos, da perspectiva racista tendo como base o processo escravocrata brasileiro.

Em 1454 o Papa Nicolau V dá aos portugueses a “plena e livre permissão de invadir, buscar, capturar e subjugar os sarracenos e pagãos e quaisquer outros incrédulos e inimigos de Cristo”, onde se incluíam negros e outros grupos étnicos com culturas religiosas diferentes. No ano 1530 o primeiro navio negreiro chega ao Brasil, já em 1560 marca-se o início do tráfico de pessoas contínuo para o Brasil. Entre 1600 e 1695 surgem dos Primeiros Quilombos e Palmares.

Temos a provável data da formação do Quilombo dos Palmares em 1630. O Quilombo de Palmares é invadido e destruído em 1694 e seu líder, Zumbi, foge. Zumbi dos Palmares morre em 1695. As forças comandadas pelo bandeirante Domingos Jorge Velho capturaram e decapitaram Zumbi.

Conselho Ultramarino define QUILOMBO em 1740. Reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino valeu-se da seguinte definição de quilombo: *“toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”*.

É criado em 1741 o alvará em forma de lei de D. João V determinando que os escravizados fugitivos sejam marcados na pele com a letra “F”, carimbada com ferro

quente. Só em 1830 o tratado de comércio anglo-brasileiro proíbe o tráfico negreiro, seguido em 1831 pela Promulgação da Lei Feijó: primeira lei em consonância com a abolição, proibiu a importação de escravizados para o Brasil. Ainda afirmava que todos os escravizados que entrassem no território a partir daquela data eram livres e que o comandante das embarcações detidas e compradores seriam considerados culpados. Porém, a lei nunca funcionou, o que levou ao surgimento da expressão “lei para inglês ver”, uma vez que levantamentos históricos indicam que a lei foi criada para atender as exigências de autoridades inglesas, mas não teve muitos efeitos no começo.

É fundado em 1833 o Jornal “O Homem de cor”, por Paula Brito, primeiro jornal brasileiro a lutar pelos direitos do negro. O período ente 1798-1838 é marcado por importantes revoltas populares: Revolta dos Alfaiates; Revolta dos Cabanos; Revolta dos Malês e Revolta dos Balaios.

A Lei Eusébio de Queirós é promulgada em 1850, proibindo o tráfico intercontinental de pessoas escravizadas. Como já exemplificado, a lei não teve resultados imediatos, ao contrário, o tráfico ilegal cresceu em um primeiro momento e, posteriormente aumentou no âmbito interno. A partir da década de 1870 que, em virtude do aumento da fiscalização, a escravidão no Brasil entrou em declínio, ao mesmo tempo em que cresciam as pressões internacionais, já que esta era a única nação americana a manter a escravidão.

Em 1854 decreto proíbe o negro de aprender a ler e escrever, em 1869 são proibidas a venda de escravizados debaixo de pregão e com exposição pública. A lei ainda proibiu a venda de casais separados e de pais e filhos.

A Lei Rio Branco é promulgada em 1871. Também conhecida como a Lei do Ventre Livre, concedeu a liberdade para os filhos de mulheres escravizadas nascidos após a data da lei, a partir dos 8 anos.

A promulgação da Lei Saraiva-Cotegipe ocorreu em 1885. Conhecida também como Lei dos Sexagenários, tornou livres os escravizados com mais de 60 anos. A lei beneficiou poucos negros, já que era difícil que chegassem a essa idade, em virtude das condições de vida que levavam. Assim, a lei acabou por ir de encontro aos interesses dos fazendeiros, que podiam livrar-se de escravizados pouco produtivos. Vale considerar que a lei apresentava um artigo que, como forma de indenização pela alforria, determinava que os 23 contemplados pela lei deveriam trabalhar em regime escravocrata por mais três anos.



A Lei Áurea em 1888 determinava a “liberdade” a todos os escravizados a partir daquela data.

Miguel do Carmo em 1900 é o primeiro negro a atuar em um time do futebol nacional, escalado pela Ponte Preta. O jornal Quilombo surge em 1929, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1931 nasce a Frente Negra Brasileira (FNB), organização que pretendia transformar-se em partido político. Chegou a reunir mais de 100 mil pessoas em todo o país, porém, no Estado Novo, é colocada na ilegalidade.

A Conquista do direito ao voto é conquistada em 1934. Juntamente com as mulheres, os negros ganham o direito ao voto após muitos anos da abolição. Antonieta de Barros - Primeira mulher negra assume um mandato político no país.

Surge, no Rio de Janeiro em 1935, O Movimento Brasileiro Contra o Preconceito Racial. Em 1938 é organizada em São Paulo a União Nacional dos Homens de Cor. Ruth de Souza é a primeira negra a atuar no palco do Teatro Municipal do Rio em 1940.

A Lei Afonso Arinos/RJ surge em 1950: tida como a primeira lei contra o racismo, condena a discriminação de raça, cor e religião. A eficácia desta lei, porém, permanece sob questão, pois quando o autor morreu, em 1990, não havia nenhum registro de prisão realizada com base nela.

Lançamento de O livro “Quarto de Despejo” é lançado em 1960: Diário de uma favelada, escrito por Carolina Maria de Jesus. Diário da autora em que ela narra o seu dia a dia nas comunidades pobres da cidade de São Paulo. Em seu relato, ela descreve a dor, o sofrimento, a fome e as angústias dos favelados. Seu texto é considerado um dos marcos da escrita feminina no Brasil.

O governo Médici em 1969 proíbe a publicação de notícias sobre movimento negro e a discriminação racial. No mesmo ano, o ator Zózimo Bulbul é o primeiro negro a protagonizar uma telenovela e também o primeiro negro a ser modelo de uma grife.

Luana de Noailles em 1970 é primeira modelo brasileira negra a fazer carreira internacional. O quesito cor é incluído no recenseamento do IBGE em 1970. Movimento Negro encaminha em 1987 proposta de capítulo da constituição. No ano seguinte, 1988, as comunidades remanescentes de quilombos ganham direito à propriedade a partir da nova Constituição Federal.

O racismo torna-se crime no Brasil em 1989. “Lei Caó” (lei n.º 7716, de 5 de janeiro de 1989) define como crime o ato de praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Também

regulamentou o trecho da Constituição Federal que torna inafiançável e imprescritível o crime de racismo.

A primeira comunidade quilombola é reconhecida (MA) em 1992. Em 1995 temos a Marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo pela igualdade e a vida, no mesmo ano acontece o Primeiro Encontro Nacional das Comunidades Quilombolas (30 mil pessoas participaram), e a Primeira comunidade quilombola é titulada no Brasil: Comunidade De Boa Vista, em Oriximiná (PA).

Em 1996 é formada a CONAQ (Coordenação nacional de Articulação das Comunidades Rurais e Negras Quilombolas). São aderidas em 2002, Cotas na Universidade: UERJ se torna pioneira, sendo primeira universidade do país a criar um sistema de cotas em vestibulares para cursos de graduação (10 anos depois o STF determina a política constitucional e ela torna lei para instituições federais. Em 2017, o mesmo ocorre nos concursos públicos. A ação entrou em vigor no governo de Dilma Rousseff).

Presidente veta em 2002 projeto de lei sobre a regularização de territórios quilombolas. Governo Federal publica decreto em 2003 que regulamenta titulação de territórios quilombolas.

A Lei do Ensino da história e cultura Afro-Brasileira em 2003: propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Destacando a importância de se levar em consideração o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura e as religiões de matrizes africanas. A lei também incluiu o dia 20 de novembro como o dia da consciência negra no calendário escolar. Em 2007 acontece o I Quilombinho. Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes Quilombolas.

O Estatuto da Igualdade Racial em 2010 é formado por um conjunto de medidas que visam a promoção da igualdade racial, tem o objetivo de legislar e orientar medidas afirmativas, criar secretarias específicas e medidas para 26 equidades raciais em diversas áreas como saúde, educação, trabalho e liberdade religiosa.

Em 2011 é instituído o Dia Nacional da Consciência Negra no Brasil. No ano seguinte, 2012, o ministro Joaquim Barbosa toma posse na presidência do Supremo Tribunal Federal, sendo o primeiro negro a ocupar o posto e até o momento (2022) o único negro a ocupar o cargo. O Tribunal Regional Federal da 4ª Região, TRF4, decide em 2013 pela constitucionalidade do decreto federal quilombola (12 votos a 3).

Como observamos ao longo das décadas o movimento negro vem fortalecendo-se e é responsável por diversas conquistas do povo negro.

Os negros viveram um processo de racismo nesse período escravocrata e ainda é possível perceber na atualidade a manifestação desses racismo em diversos campos da sociedade entre eles no próprio jornalismo. Aqui, podemos citar um fato contemporâneo, na noite do dia 02 de julho de 2015<sup>1</sup>.

## Maria Júlia Coutinho, a Maju, é vítima de comentários racistas no Facebook

Internautas postaram na página do Jornal Nacional na noite de quinta. 'Beijinho no ombro', escreveu jornalista ao responder comentário agressivo.

Do G1, em São Paulo



**Figura 1** - Jornalistas se manifestam contra racismo e divulgam a hashtag #SomosTodosMaju

Diversas manifestações racistas por meio das redes sociais vociferavam todo seu ódio contra a jornalista Maria Júlia Coutinho, em sua apresentação no quadro de meteorologia do Jornal Nacional (JN), das Organizações Globo. Esse foi um caso que ganhou grande repercussão, principalmente por ter sido uma das primeiras vezes que a classe se mobilizou em defesa da jornalista, que na época ocupava o cargo de “garota do tempo”. A Hashtag “#SomosTodosMaju”, amplamente divulgada por seus colegas jornalistas nas redes sociais e pelos telespectadores, mostrou o racismo

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/07/maria-julia-coutinho-maju-e-vitima-de-racismo-no-facebook.html>> Acesso: 15. ago. 2021.

estrutural a que os profissionais negros estão sujeitos. Esse exemplo expressa também um marco da contemporaneidade quando pensamos no racismo no Brasil.

Percebe-se assim, que o jornalismo e a mídia, enquanto instituições sociais que são, refletem o que está presente na sociedade: juízos de valor, cultura e preconceitos.

## **2.1 Racismo Estrutural no Contexto Brasileiro Contemporâneo**

Silvio Almeida (2019) traz reflexões acerca da construção das ideias de raça e racismos. Discute a ideia de que o racismo estrutural não parte de uma ideia de diferenciação ou de anormalidade, mas que essa prática parte de uma contextualização de normalidade.

Podemos dizer que seria aquilo que se pratica com normalidade, dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade e que não estão pautados em uma discussão autocrítica de algo que não se deva ser praticado.

No Brasil o racismo é naturalizado, o que significa dizer que, exceto em espaços ou momentos institucionais destinados à reflexão e à crítica, como na universidade, nos eventos promovidos por ONGs e algumas ações do poder público, o cotidiano popular não costuma problematizar ou questionar a prática do racismo, que é bastante assimilada e minimizada pela população, seja presente em piadas, seja pelo tratamento desigual e violento da polícia ao povo negro.

Para nós que fazemos pesquisa social, compreendemos que a partir desse aspecto o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade.

O racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (ALMEIDA, 2019. p.16).

De tal sorte, Silvio Almeida (2019) nos contempla com a ideia de que todas as outras classificações são apenas modos parciais e, portanto, incompletos de conceber o racismo. Em suma, as expressões do racismo no cotidiano, seja nas relações interpessoais, seja na dinâmica das instituições, são manifestações de algo mais profundo, que se desenvolve nas entranhas políticas e econômicas da sociedade.

Quando falamos em racismo estrutural, nos referimos a três dimensões do racismo: economia, política e subjetividade. São esses três pontos que consideramos como estrutural. São nestes três aspectos que os indivíduos são constrangidos e esses constrangimentos fazem parte das dinâmicas do cotidiano que estão inseridos.

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial (ALMEIDA, 2019, p.25).

Desse modo é necessário diferenciarmos preconceito racial de discriminação racial, são faces do racismo, mas estão em núcleos e intensidades diferentes. Silvino Almeida (2019) categoriza essas noções em “preconceito racial” e “discriminação racial”.

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avaros ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos.

Já a discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça. Assim, a discriminação pode ser direta ou indireta.

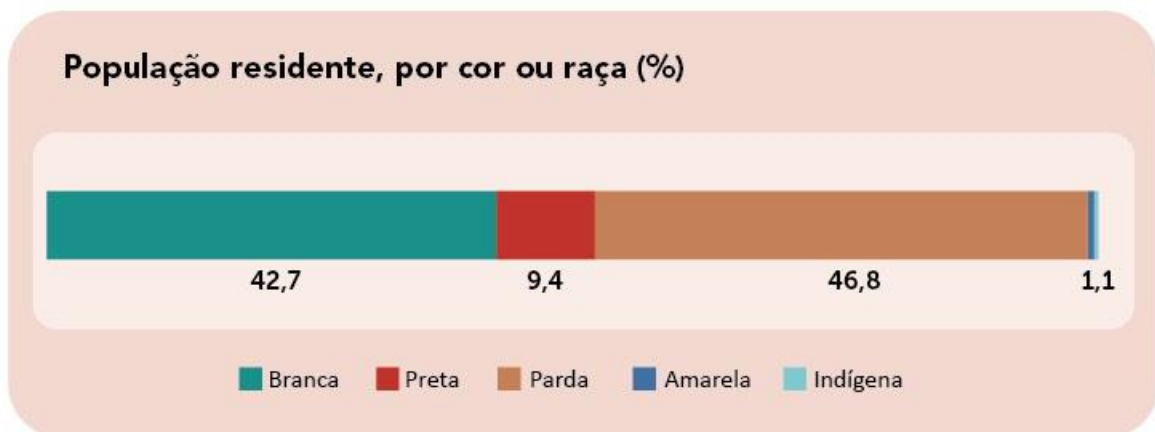
Conforme Silvio Almeida (2019) nos mostra em seus estudos, o que nos assusta é que quando pensamos na lógica de violência contra os negros, principalmente aos que estão na base da pirâmide, os mais afetados pela economia, por exemplo, a sociedade, mesmo os que não concordam com as desigualdades raciais, não se mobilizam para lutar por políticas públicas para essas classes. De alguma forma ou em algum grau, naturalizamos essas violências contra pessoas negras.

O fato de pessoas negras ocuparem certos ambientes e ocupar certos espaços, como o da mídia, por exemplo, e isso causar espanto, mostra o quanto nós

naturalizamos a falta de pessoas negras em certos espaços de representatividade e poder. E esse racismo abre portas para a violência em si.

Outro exemplo é que a morte de jovens negros nas periferias não causa choque como deveria causar. Dados do mapa da violência no Brasil (2012) mostram que cerca de 30 mil jovens são mortos por ano no Brasil e 77% desses jovens são negros. Esse é um dado alarmante. É um fenômeno de naturalização dessas mortes pela maior parte das instituições, nos abrem os olhos para o estruturalismo do racismo no país.

Lembramos também que o IBGE pesquisa a cor ou raça da população brasileira com base na autodeclaração. Ou seja, as pessoas são perguntadas sobre sua cor de acordo com as seguintes opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

O Maranhão é um dos maiores representantes da descendência africana no país e, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 76,2% dos seus habitantes são negros.

O jornalismo é um espaço de utilidade pública, de opinião, poder e representação para a sociedade e mesmo nesse espaço que tem em suas bases uma proposta democrática percebemos a distorção de ocupação desses espaços pelas pessoas negras, o número de negros é em relação ao número de brancos, se pensarmos, por exemplo, nos âncoras da TV brasileira a quantidade de brancos é superior à quantidade de negros nestes respectivos cargos. É neste sentido que é de

extrema necessidade entendermos com apoio das teorias interdisciplinares da comunicação e sociologia como manifestam-se esses racismos na sociedade.

Esses racismos emanam de um imaginário que o ser branco não tem raça, quem tem raça é o negro. Com isso, dizemos que estamos em um contexto sociocultural racista, onde o branco é a regra, o negro é a exceção. Tanto o ser branco como o ser negro são construções sociais que são vivenciados a partir de certos privilégios estruturalmente estabelecidos, é neste sentido que pensamos e discutimos o racismo estrutural.

A luta pela transformação social e pela construção de uma sociedade melhor, perpassa pela condição de luta contra o racismo na sua dimensão estrutural. É uma luta para desconstruir ou desestruturar essa forma de exploração racial em suas três dimensões: política, econômica e subjetiva. Buscando entender essas três dimensões é que iremos abordar nas seções seguintes deste trabalho a presença das pessoas negras no mercado jornalístico em Imperatriz – MA.

## 2.2 Negritude e Noção de Identidades em Processo

Historicamente não há como iniciarmos essa abordagem do tema identidade sem destacarmos a figura brasileira da negritude, Francisco, mais conhecido como Zumbi<sup>2</sup> dos Palmares (1655-1695), que nos traz um símbolo de identificação histórica do que é ser negro solvendo-se desse ator que abrange e projeta a questão identitária da negritude.

A Guerra dos Palmares foi um dos episódios de resistência escrava mais notáveis na história da escravidão do Novo Mundo. Ainda que as estimativas das fontes coevas e dos historiadores sobre o número total de habitantes diverjam bastante — de um mínimo de 6 mil a um máximo de 30 mil pessoas —, não há como negar que as comunidades palmarinas, dada a extensão territorial e a quantidade de escravos fugitivos que acolheram, tornaram-se o maior quilombo na história da América portuguesa (MARQUESE, 2006. p.107).

---

<sup>2</sup> A palavra “Zumbi” ou “Zambi”, nome adotado pelo herói, é de origem '*quimbunda*', e faz alusão a seres espirituais, como fantasmas, espectros e duendes. Disponível em: <[todamateria.com.br/zumbi-dos-palmares/](http://todamateria.com.br/zumbi-dos-palmares/)>. Acesso: 17. set. 2022.

A projeção da figura mítica de Zumbi, líder do Quilombo de Palmares, no Século XVII, foi o grande elo entre passado e presente que faltava na consolidação da identidade negra; ou seja, um sentimento abrangente de negritude que parte do afeto e da admiração pelos antepassados africanos e seus descendentes escravizados no Brasil para alcançar uma unidade política entre todos os afro-brasileiros que sofrem na pele o problema do racismo. (AZEVEDO, 2018. p.176).

A perspectiva de raça no jornalismo como profissão no Brasil nos oferece realidades que possibilitam novos olhares sobre a identidade profissional. O debate e a análise de vozes de jornalistas negros sobre identidades, nos levarão a compreender estes significados no qual estes atores estão inseridos.

Campo de encontro de indivíduos na busca pela sobrevivência e pela satisfação pessoal, o chamado “mundo do trabalho” tornou-se uma das principais arenas onde são travadas disputas pelo poder, produção e divisão de riquezas. A exemplo de outros espaços de convivência humana, a hierarquização e as partilhas de bens e produtos materiais e simbólicos são influenciadas por atribuições, entre elas raciais, étnicas, de gênero e classe.

Kabengele Munanga, antropólogo e professor brasileiro-congolês, especialista em antropologia da população afro-brasileira, estuda a questão do racismo na sociedade brasileira, discutindo a relação entre a identidade nacional do país e as demais identidades multiculturais.

Além da identidade nacional brasileira, que reúne a todas e todos, estamos atravessados/as por outras identidades de classe, sexo, religião, etnias, gênero, idade, raça, etc., cuja expressão depende do contexto relacional. A identidade afro-brasileira ou identidade negra passa, necessária e pela negritude enquanto categoria sócio-histórica, e não biológica, e pela situação social do negro num universo racista (MUNANGA, 2012, p.6).

Compreendemos que o “discurso” identitário das elites ou classes dominantes é diferente do discurso das classes dominadas ou subalternizadas. “Quando os negros, através de suas entidades sociais, falam de sua identidade que deve passar pela negritude, a elite através de seus intelectuais orgânicos os critica dizendo que eles querem dividir o Brasil” (MUNANGA 2012, p. 13), pois “nossa” identidade é única e mestiça.



Conforme Kabengele Munanga (2012) percebemos que Identidade e Negritude são palavras e conceitos atualmente muito corriqueiros entre os militantes dos movimentos negros e os cientistas sociais que estudam as relações interétnica e inter-raciais no Brasil.

Abdias do Nascimento (2005) mostra que a palavra negritude tem sua história muito recente, mas que antes mesmo de fazer parte da linguagem, da significação de algo, já era vivida e vivenciada pelos negros escravizados. Os quilombolas no Brasil são um grande exemplo das lutas e revoltas que permeiam o movimento de negritude, movimento de autoafirmação de ser negro, de suas raízes, de sua ancestralidade.

O movimento da negritude foi idealizado fora da África. Ele provavelmente surgiu nos Estados Unidos, passou pelas Antilhas; em seguida atingiu a Europa, chegando a França aonde adquiriu corpo e foi sistematizado. Depois, o movimento expandiu-se por toda a África negra e as Américas (inclusive o Brasil), tendo sua mensagem, assim, alcançado os negros da diáspora (NASCIMENTO, 2005).

O termo negritude, conforme Nascimento (2005), apareceu com esse nome, pela primeira vez, em 1939, no poema Cahier d'un Retour au Pays Natal ("Caderno de um regresso ao país natal"), escrito pelo antilhano Césaire e editado por Volontés:

Minha negritude não é nem torre nem catedral  
Ela mergulha na carne rubra do solo  
Ela mergulha na ardente carne do céu  
Ela rompe a prostração opaca de sua justa paciência

Para Kabengele Munanga (1990), a negritude é uma manifestação e ruptura que se traduziu na construção de uma ideologia inspirada nos valores negros-africanos e, portanto, uma manifestação de orgulho.

“negritude”: reação racial negra contra uma agressão racial branca, uma legítima defesa, a negritude se transforma num movimento anti-racista, num movimento ideológico-político para a libertação dos negros do sistema colonial e do racismo praticado contra ele na sua diáspora (MUNANGA, 1990, p. 112).

Como provoca também Jean Paul Sartre (1968)<sup>3</sup>, sobre a negritude: "trata-se de morrer para a cultura branca a fim de renascer para a alma negra".

---

<sup>3</sup> Sartre, Jean-Paul. Reflexões sobre o racismo. Trad. J. Guinsburg. 5ª edição. São Paulo: Difel, 1968. p. 104.

Graças às manifestações que acompanharam os 133 anos da Abolição da Escravidão no Brasil, essas palavras (identidade, negritude, antirracismo) e outros conceitos começam a sair um pouco dos círculos científico-acadêmicos e penetraram os espaços mais populares. Essa mudança pode ser analisada de uma perspectiva otimista e também traduzida talvez, como indicativo do início de um processo de conscientização popular sobre uma questão nacional necessária.

Esses questionamentos têm a ver com o fato de não existir um discurso político de identidade branca apesar de esta existir em suas realidades e não perpassar por uma lógica de opressão, mas pelo contrário, está fundamentada e preestabelecida em privilégios. Essa tentativa de descredibilizar ou reverter os levantamentos recentes e questionamentos quanto ao ser negro, negritude e sua identidade é ineficaz, pois todos têm consciência das vantagens que a branquitude lhe oferece nesta sociedade.

Uma pesquisadora proeminente desse tema Ruth Frankenberg (1999) define genericamente a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo.

A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo (FRANKENBERG, 1999b, p. 70).

A partir dessa crítica podemos colocar a negritude em um lugar de diferença com a branquitude, pois esta, em contraponto, manifesta-se em um lugar de desigualdades, violência e julgamento. O termo nasce de se perpetua por um viés de resistência e de privilégios, quando grupos étnicos se sobrepõem uns aos outros.

A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças neste caso entre grupos étnicos são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares (WOORWARD, 2013. p.12).

Partindo da perspectiva de Stuart Hall, o teórico cultural e sociólogo jamaicano nos instiga a pensar as identidades enquanto cultura desconstruindo para reconstruir as compreensões acerca das identidades, que para ele é definida não como algo estável, mas sim como um processo constante.

Com base nos estudos de Stuart Hall (2003) podemos citar as identidades enquanto algo em processo, permanentemente, inacabado, manifestando-se através da consciência e da diferença.

Não existe garantia, quando procuramos uma identidade racial essencializada da qual pensamos estar seguros, de que está sempre será mutuamente libertadora e progressista em todas as outras dimensões. Entretanto, existe sim uma política pela qual vale lutar. Mas a invocação de uma experiência negra garantida por traz dela não produzirá essa política (HALL, 2003, p.347).

O fato é que as questões raciais, como o racismo a exemplo, criam fronteiras simbólicas dificultando o pensamento e diálogo entre os grupos que compõem a sociedade brasileira. Queremos dizer que as identidades do que é “ser negro” construídas historicamente, estão baseadas em estereótipos negativos. Hall (2003) destaca a importância do aprofundamento cultural para ultrapassarmos as barreiras preestabelecidas do conhecimento a respeito de identidades culturais e negritude. “A negritude enquanto signo nunca é suficiente. O que aquele sujeito negro faz, como ele age, como pensa politicamente... o ser negro realmente não me basta: eu quero conhecer as suas políticas culturais” (HALL, 2003, p.347).

Com essas constantes transformações, os estudos relacionados à identidade rompem a antiga ideia de que a identidade está diretamente estruturada em meio a conceitos de “estabilidade, permanência, totalidade e singularização”. Essa diáspora ou dispersão étnica comentada por Stuart Hall (1996):

Não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção ‘identidade’ que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença (HALL, 1996, p.75).

Stuart Hall (2003, p.324) com base no pensamento de Gramsci a esse respeito, comenta que essa questão engloba novas formas de conceituar os sujeitos da ideologia, que se tornaram objeto de uma considerável teorização na contemporaneidade.

Ele (Gramsci) recusa inteiramente qualquer ideia de um sujeito ideológico unificado e predeterminado — por exemplo, o proletário

com seus pensamentos revolucionários "corretos" ou os negros com sua consciência geral antirracista já garantida. Reconhece a pluralidade dos 'eus' e identidades que compõem o chamado "sujeito" do pensamento. Argumenta que a natureza multifacetada da consciência não é um fenômeno individual, mas coletivo, uma consequência do relacionamento entre "o eu" e os discursos ideológicos que compõem o terreno cultural da sociedade (HALL, 2003, p.324).

As relações étnico-raciais são formadas historicamente mediante a construção de imagens e representações sociais.

Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma "produção" que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão "identidade cultural" reivindica como sua (HALL, 1996, p.68).

As representações dos grupos sociais circulam no meio social produzindo sentidos e consequências. No entanto, algumas representações ganham maior visibilidade e passam a ser consideradas como expressão da realidade social na sociedade brasileira, assim como em outras, as representações que prevalecem são construídas por narrativas hegemônicas, capazes de representar um grupo social em detrimento de outros.

Essas representações foram construídas mediante à ótica eurocêntrica, que institui sentidos de "normalidade" e "anormalidade", estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual e cristão. Os indivíduos que não correspondem a esse padrão são vistos como desviantes, abjetos, e excluídos socialmente.

O colonizador destrói o imaginário do outro, visibilizando-o e subalternizando-o enquanto reafirma o próprio imaginário. Assim, a colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõem novos. Opera-se então a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não europeu e a própria negação e esquecimento de processos históricos não europeus (OLIVEIRA, 2012. p.50).

Esse processo eurocêntrico se dá de várias formas pela cultura colonialista. Pensamos aqui no eurocentrismo a partir dessa colonização e imposição do fetichismo cultural do branco sobre a cultura dos negros. Assim compreendemos que

a prática eurocêntrica não se limita apenas ao povo europeu, mas que essa é uma perspectiva cognitiva estrutural dos brancos que se manifesta e se impõe hegemonicamente no Brasil.

### **2.3 Imprensa Negra no Brasil e Mercado Jornalístico**

O jornalismo no Brasil existe desde a chegada da família real portuguesa, em 1808. Dentre os primeiros periódicos circulados no país podemos citar “Imprensa Régia”, “A Gazeta do Rio de Janeiro” e “O Correio Braziliense”. Desde esse período é possível perceber a luta contra o racismo e questões relacionadas à identidade negra no Brasil, entretanto só em 1910 – um século depois – é que se desenvolve o que conhecemos como “Imprensa Negra” no Brasil.

Na chamada Imprensa Negra, que se desenvolveu a partir de meados dos anos 1910, a luta contra o preconceito racial passava pela construção de uma memória histórica específica, a de que o Brasil e sua única “raça” – a “raça mestiça” – formara-se com base no “cruzamento” de três “raças” originais: a indígena, a branca e a negra. O reconhecimento da emergência no Brasil de um povo mestiço singular, sem fenótipo e traços raciais definidos, atestava por si só o absurdo da hierarquia racista implícita nas práticas sociais (AZEVEDO, 2018. p.167).

Celia Maria Marinho de Azevedo (2018) evidencia ainda em que um movimento vigoroso de denúncia do racismo irrompeu na cena pública numa demonstração de que, se havia algo de excepcional, era justamente o grande mito da democracia racial brasileira.

Em 7 de julho de 1978, diversas entidades negras uniram-se numa manifestação pública contra o racismo nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, anunciando, ao mesmo tempo, a recém-criação do Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial (AZEVEDO, 2018. p.170).

Discutir as identidades não se limita especificamente à cor, e sim, estaria mais próxima a um aspecto de consciência de cada indivíduo. Acreditamos que a luta por essa liberdade é uma questão ainda vigente, questão essa ainda é imposta aos negros, apesar de tantas conquistas ao longo da história.

Para quem a Negritude não tem a ver com a cor da pele ou com a biologia, mas, sim, com a constituição de uma “comunidade de

opressão sofrida, uma comunidade de exclusão imposta, uma comunidade de discriminação profunda” e também uma comunidade de “resistência contínua, de luta obstinada pela liberdade e de irreprimível esperança” (AZEVEDO, 2018. p.171).

Aqui, reflete-se sobre os passos nessa luta pela busca de identidade e memória história que foi negligenciada pelo que se conhece como “História oficial”, “ou seja, aquela escrita por historiadores da classe dominante branca que silenciava sobre o papel de resistência desempenhado pelos escravos, enquanto os representava como vítimas passivas resgatadas pelas elites ilustradas abolicionistas”. (AZEVEDO, 2018. p.175).

Para darmos início aos estudos mercadológicos do jornalismo como profissão ou da profissão do jornalista em si, faz-se necessário compreendermos o que é o jornalismo. Em linhas gerais e práticas, o jornalismo é um processo de coleta, investigação e análise de informações para a produção de texto e divulgação dos mesmos sobre a interação dos eventos, fatos ou ideias que estão em algum nível presente na sociedade e a impactam.

Considera-se o jornalismo uma instituição social formada historicamente para oferecer conteúdos que tenham características de atualidade e de relevância para um público amplo, disperso e diferenciado. Este papel é executado porque o jornalismo conquistou uma legitimidade social para produzir uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2003, p.2).

Conforme Santos (2014) nos mostra, a palavra “*journaliste*, é a junção de duas palavras francesas *jour*, cuja tradução corresponde a “dia” e *analyste*, que significa analista, resultou na definição da profissão jornalista: “analista do cotidiano”. O fato é que a profissão jornalista surgiu no século XVII e sempre esteve relacionada com avanços tecnológicos como por exemplo a prensa do alemão Johannes Gutenberg (1398-1468) que desenvolveu a primeira máquina de impressão feita com tipos móveis por volta de 1439 e continuou a se desenvolver com o advento das novas tecnologias.

Para além da técnica, a história das práticas jornalísticas se dá de forma processual envolvendo diversas nuances de ordem econômica, tecnológica, política e sociocultural.

Construir uma história das práticas e representações jornalísticas implica olhar uma dimensão micro-social do jornalismo. Isso significa

deslocar-se de objetos mais tradicionais, como a instituição jornalística na sua globalidade, o papel e os efeitos que o jornalismo produz nas sociedades, e investigar as artes e os métodos de trabalho, os procedimentos utilizados para execução de suas atividades, as tentativas, os erros, bem como os princípios e valores inerentes ao processo (FRANCISCATO, 2003, p.3).

Pensar no jornalismo enquanto campo que possui um estatuto científico próprio, menos ou mais dependente de estruturas conceituais e teóricas de outros campos das ciências sociais e humanas é uma questão de destaque na rotina acadêmica da área. Como ponto de sustentação mais frequente, recorre-se aos conceitos de símbolo e campo de Pierre Bourdieu.

Para Bourdieu, o poder simbólico é um poder intangível que permite alcançar reconhecimento a partir de uma lógica equivalente daquilo que é obtido pela força física ou econômica. O poder simbólico do qual trata Bourdieu (1989) podemos entender como uma forma irreconhecível e legitimada de construção.

Os sistemas simbólicos como instrumento de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante, porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) (BOURDIEU, 1989, p.9).

Com isso, percebemos que os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, “eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral” (BOURDIEU, 1989, p.10).

O Poder Simbólico é “um poder de construção da realidade” que estabelece uma ordem gnosiológica, entendido com o sentido do mundo que supõe um conformismo lógico, uma concepção homogênea que torna possível a concordância entre as inteligências. Percebemos assim, que símbolos são instrumentos de integração social. Enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação eles tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de

legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 1989, p.12).

Para descrever as produções simbólicas como “instrumentos de dominação”, Bourdieu baseia-se no privilégio das funções políticas em detrimento da estrutura lógica e da função já citada, a função gnosiológica. Este funcionalismo explica essas produções simbólicas correlacionando-as com os interesses das classes dominantes.

Em Imperatriz, a partir dos relatos de jornalistas negros, percebemos que os mesmos estão inseridos e fazem parte dessas estruturas. As relações de poder existentes no campo jornalístico perpassam por essas estruturas institucionais.

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade do seu conjunto, portanto. À legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções. Este efeito ideológico, produ-lo a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 1989, p.11).

Com isso percebemos que a cultura dominante é quem media, ou podemos assim dizer, dita as regras das relações profissionais de profissionais brancos e negros no jornalismo, não de uma perspectiva antagônica ou simplesmente divergente, mas para além disso, de uma perspectiva de privilégios da classe dominante.

Daí surge um importante conceito desenvolvido por Bourdieu: a distinção. Pois essa mesma cultura que une por intermédio da comunicação é a mesma cultura que separa como instrumento de distinção, que legitima a diferença das culturas exatamente pela distância da cultura em questão em relação à cultura dominante. Estamos mergulhando aqui nas relações de poder existentes e trazendo uma analogia às relações simbólicas entre instituições e ou indivíduos.

Bourdieu considera que as relações de comunicação podem produzir o efeito de violências simbólicas e são sempre relações de poder que dependem do capital material ou simbólico acumulado pelos agentes. Os sistemas simbólicos aqui



estudados são instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento, cumprindo sua função política de imposição. Entendemos que essa classe dominante, a qual o poder está pautado no capital econômico, tem como objetivo simbólico primário impor a legitimidade da sua dominação por meio da própria produção simbólica.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a domesticação dos dominados (BOURDIEU, 1989, p.12).

Essas relações são legitimadoras da dominação de uma classe sobre a outra, agindo como uma forma de violência simbólica. Dessa forma, Bourdieu, sobre as produções simbólicas, compreende como instrumentos de dominação da seguinte maneira: o campo de produção simbólica é um microcosmos da luta simbólica entre as classes.

A divisão das classes e campo de produção autônomo são dimensões do trabalho social. Esses são efeitos que os sistemas simbólicos produzem.

A proposta aqui, não é entrar em uma discussão aprofundada e didática sobre a história do jornalismo, mas sim correlacionarmos brevemente onde surge esse processo e como os negros estão inseridos neles. Se analisarmos um contexto pós-abolição homens e mulheres negros também se mobilizaram de diversas formas para também estarem inseridos nesse processo de comunicação.

Se, por um lado, o surgimento do sistema de impressão criou as condições para a produção de jornais e auxiliou a caracterizar o jornalista como uma atividade de coleta e transmissão de notícias (Eisenstein, 1983: 93), ele também serviu para lançar a 'pedra fundamental' do jornalismo como instituição social. Este conjunto de transformações tecnológicas e sociais relatadas, aliadas a bases econômicas de produção e circulação de jornais e a uma maior importância e influência que seus conteúdos trouxeram à vida política, fizeram com que o jornalismo ganhasse gradativamente uma corporificação social para além de mero ofício. Assim, o jornalismo cria e passa a operar com diversos laços sociais, como a periodicidade, a simultaneidade, a identidade e a unidade entre leitores, aspectos vinculados a uma atividade social que se torna instituição (FRANCISCATO, 2003, p.33).

No Brasil o jornalismo se inicia de maneira tímida no século XIX, começando com o “O Correio Braziliense”, jornal sobre o Brasil editado em Londres durante o período colonial. No Império, diversos jornais começam a aparecer, porém só após anos alguns impressos se solidificaram no país.

Com a intensificação da produção de jornais e revistas já no século XX e a luta negra no combate à discriminação racial e lutar por visibilidade surge nesse período o que ficou conhecido como Imprensa Negra Paulista. De acordo com a coleção disponibilizada no Portal da Imprensa Negra Paulista da Universidade de São Paulo (USP) “Nas duas primeiras décadas do século XX, a maior parte dos periódicos foram elaborados por associações que atuavam como grêmios recreativos, clubes dançantes, esportivos, dramáticos, literários ou carnavalescos”.

No acervo, o jornal mais antigo é O Baluarte, editado em Campinas. Apesar da multiplicidade de iniciativas, a condição de produção dos jornais era, na maioria das vezes, precária. Por isso, a maior parte das publicações teve curta duração. Mesmo os que tiveram maior duração sofreram com descontinuidades ou tiveram edições que não foram preservadas. Dos jornais que compõem a coleção, os de maior duração foram: O Clarim d’Alvorada (1924-1932), Progresso (1928-1931), A Voz da Raça (1933-1937) e Novo Horizonte (1946-1961).

O fato é que segundo Sodré (1998, p.1) somente “a partir da década de 80, os pequenos jornais que começaram a aparecer um pouco por toda parte refletiam em geral as linhas ideológicas e emocionais do “Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MNU)”, com o intuito de desconstruir o mito da democracia racial brasileira e combater de forma estratégica o racismo.

Esvanecem-se os discursos reivindicativos e pedagógicos, as preocupações com ordenamento familiar e formação profissional, dando lugar a enunciados de denúncia do preconceito de cor, análises da consciência discriminatória, a informações históricas sobre colonialismo e escravatura, a esparsos juízos afirmativos de identidade negra que procuram resgatar os valores políticos das lutas anti-coloniais na África (SODRÉ, 1998, p.1).

Imprensa negra no Brasil foi e é um movimento jornalístico pensado para a documentação e debate público. As questões reivindicadas por esses movimentos estão relacionadas às questões de discriminação racial, a recuperação da dignidade, identidade, história e cultura dessa parcela da população.

A importância de uma imprensa negra acentua-se quando se leva em consideração, que os discursos sociais - manuais escolares, diálogos socializantes (pais/filhos, professores/estudantes), programas de radiodifusão, textos jornalísticos, pronunciamentos parlamentares, etc. - desempenham um papel central tanto na produção quanto na reprodução do preconceito e do racismo (SODRÉ, 1998, p.3).

Esses discursos jornalísticos e espaço jornalístico ocupado pelos negos processam uma “nova” consciência coletiva e um novo paradigma social, pois essa imprensa negra e representada por negros desde seu início expressam as lutas e combate do movimento negro brasileiro. “Desses discursos provêm os modelos cognitivos e as atitudes relativos às minorias de qualquer natureza, especialmente os negros na sociedade “clara” do Ocidente” (SODRÉ, 1998, p.2).

Destacamos também que toda essa movimentação produziu e produz racismos, em novas modalidades institucionais. O racismo midiático é suscitado por fatores como: a negação, o recalçamento, a estimacão e a indiferença profissional. “Com referência ao negro, a mídia, a indústria cultural, constroem identidades virtuais a partir, não só da negação e do recalçamento, mas também de um saber do senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições. Da identidade virtual nascem estereótipos e as folclorizações em torno de pele escura (SODRÉ, 1998, p.2).

Entendemos assim que na construção e prática do negros jornalistas a mídia é catalizadora de expressões políticas e socioculturais, quando abordamos questões interracialis percebemos que o caráter racismo dessas relações partem de uma tradição elitista, pois a imprensa se constituiu nesse campo das elites e para as elites, “que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele” (SODRÉ. 1998, p.3).

A palavra “elitista” não é aqui casual. Sabe-se efetivamente que da influência interativa entre elites de diferentes ordens - grupos de alta renda, ministérios, organizações de trabalho, intelectuais e meios de comunicação de massa - resultam os padrões cognitivos e políticos que orientam os componentes da ação social e do julgamento ético presentes no comportamento racista (SODRÉ, 1998, p.3).

Falar de elite é entender que as pessoas e as instituições têm acessos diferenciados aos mecanismos geradores de poder como renda, emprego, educação e força repressiva. De fato, foram e são essas elites que ocupam, posições de controle

direto da mídia, sejam as possibilidades de moldar o seu discurso. E dentro desse sistema é que se desenvolvem a estrutura do racismo.

O racismo ostentado pelas elites tradicionais desde séculos atrás pode ser reproduzido logotecnicamente, de modo mais sutil e eficaz, discurso midiático popularesco, sem distância crítica do tecido da civilização tecno econômica, onde se acha incrustada a discriminação em todos os seus níveis (SODRÉ, 1998, p.3).

Outro ponto importante nesses marcos é o movimento *Black Soul*, que partir do final dos anos sessenta, “começou a discutir em termos políticos a identidade racial no Brasil”, (SODRÉ, 1998, p.3).

Segundo SODRÉ. (1998, p.5) um estudo divulgado (1997) pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) apontava perspectivas sombrias para descendentes de africanos no Brasil.

Mostrava, por exemplo, que era escassa a presença de negros nas universidades de boa qualidade, que a sua representação no Congresso era apenas simbólica e que as pessoas de pele clara ganhavam, em média, duas vezes e meia mais do que as de pele escura. A expectativa de vida tanto de crianças quanto de suas mães negras era igualmente muito menor (SODRÉ, 1998, p.5).

É olhando para a esfera social e midiática que percebemos que a condição social dos afrodescendentes é marcada pela desigualdade, tanto nos níveis de renda e acesso a serviços de educação, saúde e habitação quanto no âmbito profissional.

### 3. IDENTIDADES E MEDIAÇÕES: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

A compreensão da identidade do jornalista negro neste trabalho será discutida pela ótica dos conceitos de identidade dos estudos culturais. Durante muito tempo, velhas ideias de identidades “estabilizaram o mundo social”, onde o centro essencial do “eu” era a identidade de uma pessoa. Os conceitos anteriores sobre identidade se baseavam na condição biológica do indivíduo, mas com a pós-modernidade passou-se a problematizar esta noção, descobrindo perspectivas muito mais complexas de identidade:

Para aqueles/as teóricos/as que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados (HALL, 2005. p.9).

As identidades, a partir da era pós-moderna passam por um processo de desmistificação e passam a ser compreendidas cada vez mais como heterogêneas e plurais. Percebeu-se ainda que a pessoa em sua essência não é autônoma, nem autossuficiente, mas construída em permanente processo, influenciada não só pelo meio em que vive, não só pelas questões biológicas ou naturais, mas tudo isso aliado a configurações sociais, culturais, econômicas, entre outros fatores, incluindo os de ordem psicológica. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2005, p.9).

Para Mucchielli (2009), nas Ciências Sociais a identidade sempre se refere a um “ator social” que pode ser entendido como um indivíduo ou um grupo. Assim, a identidade é um conjunto de significações, variáveis de acordo com os atores de uma situação, que compreendem uma realidade ao mesmo tempo física e subjetiva, construída a partir de um mundo próprio de experiências e em conjunto com outros atores. Ela é uma sensação sobre si mesmo (como eu me sinto, eu me percebo) repassada aos demais atores.

Segundo Agnez (2014), os estudos sobre identidade cresceram a partir da segunda metade do século XX, período no qual a sociedade tem vivenciado processos de desestabilizações individuais e coletivas, que vão desde mudanças relativas ao papel da religião e de valores morais, às formas de constituição familiar, intensificação dos fluxos migratórios e o impacto sobre a estabilidade das identidades nacionais.

Fazer parte de um grupo profissional significa dividir práticas e conhecimentos, proporcionando um reconhecimento social e uma valorização de quem são esses membros. Especialmente em relação a este ponto, Le Cam (2006) ressalta que a identidade profissional no jornalismo é resultado de uma aquisição histórica, decorrente dos processos de legitimação, e a forma identitária dos jornalistas é coletiva, ou seja, o indivíduo se define a partir da assimilação e interiorização dos valores do grupo (AGNEZ, 2014, p.37).

A identidade é plural, envolve diferentes atores e faz leituras das identidades de si e do outro de acordo com as situações em questão.

A identidade nada mais é que o resultado, ao mesmo tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições (DUBAR, 1999 apud AGNEZ, 2014, p.38).

Dubar (1999) nos mostra a identidade com um enfoque sociológico, sendo resultado de todo um processo de socialização, para ele a identidade para o “eu” não se separa da identidade para o “ele”, mas se relacionam e se constroem juntamente é algo que deriva de afirmativas e negativas sociais a partir do posicionamento dos indivíduos diante das situações do cotidiano, sendo assim, os perfis de identidade se constroem partindo de bases sociológicas já presentes na sociedade como um todo e não somente com escolhas individuais.

### **3.1 Identidades na perspectiva processual de Stuart Hall**

Hall (2006) examina as identidades de uma forma mais profunda e processual. O conceito de identidades está em constantes transformações, desde o sujeito do Iluminismo para o sociológico e, depois, para o sujeito "pós-moderno".

Para chegar ao conceito de identidade do sujeito pós-moderno com base nessa perspectiva, faz-se aprazível distinguir essas três concepções de identidade.

Hall (2006) mostra três concepções de identidades diferentes. O sujeito do Iluminismo, “estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2006. p.10), aqui ou “centro” ou o “eu” desse sujeito versava em um núcleo propriamente interior que só era possível vir À superfície quando de desenvolvia, uma característica nata, “ainda que permanecendo essencialmente o mesmo, contínuo ou "idêntico" a ele ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 2006. p.11). O centro essencial desse eu era a identidade de uma pessoa, aqui podemos definir essa concepção como “individualista”.

Já o Sujeito Sociológico é um ator mais complexo que está inserido no mundo moderno e de consciência, aqui o sujeito não é autônomo e muito menos autossuficiente, esse sujeito é formado “na relação com” outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos e a cultura dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006. p.12), essa abordagem simbólica é um conceito-chave na sociologia para pensarmos na concepção “interativa” e de identidade do sujeito.

Partindo dessas duas primeiras perspectivas do sujeito, foi possível pensar no sujeito pós-moderno. O sujeito pós-moderno é abordado no exercício de sua relação interativa entre o “eu” e a sociedade.

Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão "mudando". O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais (HALL, 2006, p.12).

Essas mudanças estruturais e institucionais é que permitem se pensar hoje a profissão de jornalista por meio da discussão de raça. Os(as) jornalistas negros(as) analisados em Imperatriz destacam a importância da raça na sua construção de identidades que se refletem nas suas práticas enquanto jornalistas, como por exemplo, trazer questões de cor e raça para sua produção e entender de forma consciente a problematização do ser negro e estar em um lugar institucional de poder.

É a partir dessa conceituação que entendemos que nessa abordagem a ideia de identidade é ampliada e os sujeitos passam a se identificar culturalmente com identidades: variáveis, provisórias e problemáticas.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno” (HALL, 2006, p.12), não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. O sujeito na concepção pós-moderna é mutável. É nesse ponto que pluralizamos o termo “identidade” a partir desse momento entendemos que há identidades e que os sujeitos as assumem em momentos diferentes. As identidades não estão no “centro”, elas estão no entorno, nos círculos interagindo de dentro para fora e o inverso. Identidades contraditórias que nos impulsionam para posições distintas, é um processo é uma construção fluida. As identidades passam a ser definidas e indefinidas historicamente e não mais biologicamente ou individualizadas.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13).

Podemos então “definir” a partir desses conceitos que as identidades se tornaram uma “celebração móvel” que é construída, reconstruída e transformada pelos sistemas culturais que nos rodeiam.

Conforme Stuart Hall (2006, p.80), a globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compressão espaço-tempo. O autor ainda destaca que a globalização é um processo desigual e tem sua própria "geometria de poder", além de reter alguns aspectos da dominação global ocidental. Apesar disso, as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compressão espaço-tempo.

Em Imperatriz, as empresas de comunicação nas quais trabalham os(as) jornalistas negros(as) estabelecem relações de rotina que partem do local para o global, tanto no alinhamento editorial quanto nas demandas suscitadas por essas empresas. O mercado local de Imperatriz-MA no que cerne à comunicação se manifesta por empresas afiliadas como no caso das Organizações Globo de comunicação, agências de notícias, rádios, entre outras.



Tenho pelo menos 30 anos de profissão entre os mais diversos cargos que envolvem a comunicação em Imperatriz, de radialista à âncora de TV, e percebo o quando as pautas e as discussões... diria até mesmo... internacional, contribuem para nossas produções. Trabalhamos dentro de um contexto, eu diria até de alinhamento político mesmo no jornalismo local (Informação Verbal<sup>4</sup>).

Hall (2006) reconhece uma posição que, assim como muitos pontos de similaridade, há também pontos críticos de diferença profunda e significativa que constituem 'o que nós realmente somos'. O teórico ainda nos mostra, quando comenta sobre a diáspora, que existe uma guturalização imposta.

Uma coisa é posicionar um sujeito ou um conjunto de pessoas como o Outro de um discurso dominante. Coisa muito diferente é sujeitá-los a esse 'conhecimento', não só como uma questão de dominação e vontade imposta, mas pela força da compulsão íntima e a conformação subjetiva à norma (HALL, 2006, p. 70).

Hall (2006) pondera que a globalização tem o efeito de "contestar e deslocar as identidades" centradas e "fechadas" de uma cultura nacional. A globalização então teria um efeito pluralizante sobre as identidades possibilitando uma variedade de possibilidades e até mesmo novas posições. Como foi possível perceber em nossas análises, os informantes apresentam identidades plurais. Ou seja, não há um perfil fechado ou essencialista do que é ser um jornalista negro. Identificamos sujeitos diferentes, em posições diferenciadas, com noções sobre negritude variadas e percepções subjetivas de consciência política ou de classe.

Não há um conceito determinante quando se fala de identidade cultural, pois quando se juntam as versões de identidades, essa possibilidade, um conceito fixo ou determinante, exaure-se.

A experiência da diáspora, como aqui a pretendo, não é definida por pureza ou essência, mas pelo reconhecimento de uma diversidade e heterogeneidade necessárias; por uma concepção 'identidade' que vive com e através, não a despeito, da diferença; por hibridização. Identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença (HALL, 2006, p. 75).

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante E, em 23 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

A construção e percepção do ser negro possui pontos de identificação, segundo observamos em nosso mapeamento sobre a presença de negros no jornalismo local: autodeclaração enquanto negros(as), racismos atrelados à profissão, importância de pautar questões raciais nas redações, etc. Com isso, o processo dessa ideia de identidade é fluido, não segue necessariamente um padrão fechado é um processo amplo e aberto.

### 3.1.1 Raça, Racismo, Etnia e Identidades

Quando pensamos em relações sociais, nos vem em mente os mitos que permeiam a sociedade brasileira, entre os quais o de que não há racismo no Brasil, e que os fatores de desigualdade estão relacionados apenas ao poder econômico. Geralmente essa discussão gera conflitos e divergências sociais, especialmente, no momento político atual brasileiro em que existem grupos conservadores em massa de desconstrução dos direitos e avanços conquistados pelos movimentos sociais, a exemplo do movimento negro. O que repercute numa minimização ou naturalização sobre o racismo estrutural na sociedade.

Kabengele Munaga (2004) aponta uma conceituação que abrange as noções e relações em raça e racismo a partir de uma análise de características em comum.

Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais (MUNANGA, 2004, p.7).

Quando analisamos esse conceito percebemos essa abordagem aparentemente básica do termo com enfoque nos aspectos essencialistas. Afinal “Etmologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie” (MUNANGA, 2004, p.8). Nessa abordagem o autor traz à tona a história das ciências naturais. O conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em

Português como Lineu (1707-1778), o uso para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada”. (MUNANGA, 2004, p.1).

Limitando ao campo semântico de popularização do conceito, raça passou a designar a linhagem, a descendência, ou seja, um grupo de pessoas que possuem características em comum, oriundas de um ancestral em comum. Por mais que tenha se um tom de imaginário de segregação, pensar em raças de maneira tão simplista é importante que entendamos que este foi um método utilizado para organizar o pensamento por meio da categorização.

Munanga (2004) questiona “por que então, classificar a diversidade humana em raças diferentes?”. Segundo ele, a variabilidade humana é um fato empírico incontestável que, como tal merece uma explicação científica. Os conceitos e as classificações servem de ferramentas para operacionalizar o pensamento.

É neste sentido que o conceito de raça e a classificação da diversidade humana em raças teriam servido. Infelizmente, desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo. A classificação é um dado da unidade do espírito humana. Todos nós já brincamos um dia, classificando nossos objetos em classes ou categorias, de acordo com alguns critérios de semelhança e diferença. Imagine-se o que aconteceria numa biblioteca do tamanho da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Sem classificação por autor e ou por assunto, seria muito complicado a busca de um documento (MUNANGA, 2004, p.7).

Para Kabengele Munanga (2004, p.5), “o conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sociocultural, histórico e psicológico”. Etnia não está ligada ao aspecto biológico e sim ao aspecto social, como por exemplo uma mesma raça: “branca”, “negra” ou “amarela”, pode ter diversos grupos ou diversas etnias.

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. (MUNANGA, 2004, p.7).

É inegável reforçar que as características da cultura étnica são alvo de preconceito no Brasil, podemos citar, as religiões de matriz africana no Brasil, que mesmo tendo seus direitos teoricamente resguardados pela laicidade do Estado ainda sofrem um processo racial e de degradação da imagem por setores religiosos das sociedades que se firmaram em uma realidade eurocêntrica. Kabengele (2004) ainda

estabelece que as violências étnico-raciais sofridas hoje são as mesmas de ontem, o que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão permanece.

O racismo instituiu a sociedade de classes no Brasil, por meio do binômio explorador do proprietário dos meios de produção (branco) e do trabalhador (negro), fundamentado na alienação do trabalho de negros e negras no sistema escravista e com efeitos poderosos do pós-abolição à atualidade (ROSA, 2016, p. 92).

Quando avançamos para o conceito de identidades estamos ligados com a tomada de consciência dessas culturas. As identidades são construções em processo das culturas. Assim, identidades culturais “são essas identidades plurais que evocam as calorosas discussões sobre a identidade nacional e a introdução do multiculturalismo numa educação-cidadã, etc.” (MUNANGA, 2004, p.14) e complementa:

A identidade cultural se constrói com base na tomada de consciência das diferenças provindo das particularidades históricas, culturais, religiosas, sociais, regionais, etc. Se delineiam assim no Brasil diversos processo de identidade cultural, revelando um certo pluralismo tanto entre negros, quanto entre brancos e entre amarelos, todos tomados como sujeitos históricos e culturais e não como sujeitos biológicos ou raciais (MUNANGA, 2004, p.15).

Aqui levantamos a perspectiva de pensar o indivíduo a partir de suas identidades, para que possamos a partir de uma abordagem cultural, compreender a pluralidade do meio. É a partir desse conceito de identidades culturais que pretendemos discutir as dinâmicas subjetivas e o processo do seu construto social.

A dinâmica deflagrada pela subjetividade traz novos atores e atrizes sociais e demandas para a sociedade, em que os sujeitos investidos nessas reivindicações se tornam protagonistas das contestações político-ideológicas, desconstroem paradigmas da ordem hegemônica e constroem modelos dissociados das opressões históricas. (ROSA, 2016, p.179).

Esses conceitos simbólicos também convergem quando pensamos nos sistemas de mercados e no jornalismo. É a partir desse imaginário que iremos discutir essas dinâmicas subjetivas e as mediações que possibilitem aproximar a cultura, os indivíduos e suas identidades.

### **3.2 Teoria das Mediações: aporte teórico-metodológico para estudar jornalistas negros em Imperatriz**

Jesús Martín-Barbero desenvolve reflexões contemporâneas acerca da Comunicação e da Cultura. No seu livro *Dos Meios às Mediações*, aborda os processos dos estudos da Comunicação. Para ele, esse estudo se dá de forma fragmentada, mas sim por meio de uma continuidade.

Os primeiros investigadores dos meios buscavam saber como eles fazem para manipular suas audiências. A súbita expansão do rádio, do cinema e da televisão levou a crer que substituíam as tradições, as crenças e solidariedades históricas, por novas formas de controle social (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.13).

*Dos Meios às Mediações* afasta-se desses pressupostos, o autor nos mostra uma versão menos ingênua sobre os processos de transformações das sociedades e indaga como a massificação dos meios vem se desenvolvendo. Com uma visão menos ingênua de como se alteram as sociedades. “Assim a comunicação se tornou para nós questão de mediações mais que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimentos, mas de reconhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.16).

Hoje em dia, a categoria mediação ocupa um lugar importante dos estudos culturais porque propõe pensar a comunicação em outro enquadramento, em sua vinculação com a cultura cotidiana, e assim, para além dos meios de comunicação de massa. Sob esse ponto de vista, o que está no entorno do objeto de pesquisa, não é secundário, mas constitutivo; a cultura que envolve as relações observadas também constrói essas relações, já que ela penetra em cada recanto da vida social, mediando tudo (CARDOSO, 2016, p.106).

“Mudar o lugar das perguntas” essa é a proposta para que possamos perceber as mediações, os entornos do objeto, para que possa investigar tais processos. Investigar a partir dos sujeitos e das mediações é fator preponderante para abordagem dessa pesquisa.

O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. (...) Mediação significava que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. (...) O que eu estava afirmando desde o começo era isso: a vida

festiva, lúdica, familiar, religiosa, que é muito densa na América Latina. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 158).

Para esse estudo nos apropriamos da ideia de comunicação como mediações: o entorno, o contexto, os aspectos econômicos, culturais e políticos que configuram a maneira que os jornalistas negros se inserem nos veículos de imprensa como profissionais, ou ainda, sua presença ou exclusão dos meios.

Ao ver a identidade como questão de 'tornar-se', aqueles que reivindicam a identidade não se limitariam a ser posicionados pela identidade: eles seriam capazes de posicionar a si próprios e de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum. (WOODWARD, 2014, p.29).

Como vimos, o racismo é, infelizmente, uma mediação das relações sociais no Brasil, que vai influenciar nas questões relativas à socialidade, à tecnicidade, à ritualidade e à institucionalidade no jornalismo. Assim, é preciso considerar essas dinâmicas dentro de um contexto de cultura racista, ainda escravocrata. Os jornalistas negros que são informantes desta pesquisa, portanto, têm suas identidades construídas nesse contexto de disputas, desigualdades, negociações, dívida histórica com o povo negro, entre outras contradições. Não se pode enxergar nosso objeto - as identidades de jornalistas negros em Imperatriz - sem levar em conta essas questões estruturais que se relacionam com o mercado, com os meios de comunicação.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas (HALL, 2014, p. 109).

Nesse sentido, iremos tratar do mapa das mediações de Martín-Barbero (1997), que monta um esquema para representar as dinâmicas culturais, sociais, econômicas e políticas que perpassam todo processo de comunicação.

Reprodução Mapa das Mediações



Fonte: Martín-Barbero, 2008, p. 16.

Cardoso (2016) comenta que a comunicação como mediações trata das relações de produção de sentido e identidades dos sujeitos em suas diferentes práticas culturais. “O ato comunicativo faz apelo à cultura não como conteúdo a transmitir; a cultura é atualizada e recriada continuamente nas diversas situações de comunicação vividas no cotidiano pelas pessoas” (CARDOSO, 2016, p. 104).

É a partir dessa perspectiva esta dissertação operacionalizará a análise cultural das identidades dos(das) jornalistas negros(as) em Imperatriz. A Análise Cultural é utilizada por esta pesquisa, aplicando na prática a partir do objeto analisado as teorias das mediações e das identidades, pois tomamos de ponto norteador as evidências empíricas essa é uma metodologia que se adequa aos nossos objetivos de pesquisa no que se refere a perceber questões sociais como as identidades a qual nos propomos entender o processo.

significação do social são os próprios aspectos culturais que definem determinada sociedade. Dessa forma, a análise parte do entendimento da cultura como sendo uma prática central da sociedade e não como elemento exógeno ou separado, ou mesmo como uma dimensão mais importante do que outras sob investigação, mas como algo que está presente em *todas* as práticas sociais e é ela própria o resultado daquelas interações (BAPTISTA, 2009, p. 453,).

Para entender as interpretações e significações dos indivíduos partimos dessa ideia central da cultura, pois as identidades dos(as) jornalistas negros(as) estão presentes em suas práticas sociais, de vida e de trabalho. A análise cultural aqui

proposta faz uso de métodos como: levantamento de dados por meio de questionários aplicados junto a jornalistas do mercado de Imperatriz e posterior aplicação de entrevistas.

Estes métodos têm por objetivo proporcionar ao investigador os meios técnicos para garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais. Mais especificamente, visam fornecer a orientação necessária à realização da pesquisa social, sobretudo no referente à obtenção, processamento e validação dos dados pertinentes à problemática que está sendo investigada (GIL, 2008, p. 15).

Consideramos a análise cultural como um protocolo metodológico dos Estudos Culturais. Segundo Williams (2003, p. 57), a análise cultural deve apontar interpretações, as alternativas históricas e os específicos valores contemporâneos através dos quais são trazidos para o presente uma obra, o acervo ou a experiência dos sujeitos de determinado período, de dado lugar.

Lembramos também que a análise cultural é crítica e política, ela possibilita o posicionamento em relação ao fenômeno cultural que será analisado.

Os estudos culturais constituem um corpo de teoria construída por investigadores que veem a produção de conhecimento teórico como uma prática política. Aqui, o conhecimento não é nunca neutro ou um mero fenômeno objetivo, mas é questão de posicionamento, quer dizer, do lugar a partir do qual cada um fala, para quem fala e com que objetivos fala (BAERKER, 2008, p. 27).

Por ter essas especificidades é que consideramos a análise cultural a metodologia empírica de pesquisa ideal para a análise de identidades culturais. Esta análise então configura-se também como conjuntural pois analisa os processos que estão em construção.

Este projeto permanece constante no transcurso de vários momentos “conjunturais” ou contextuais. Mas as formações particulares – as lutas políticas e possibilidades em jogo, as perguntas que precisam ser feitas, os recursos teóricos e empíricos disponíveis para começar a construir respostas, todas essas coisas – têm de ser continuamente questionadas e reconstruídas de modos que façam com que os estudos culturais sejam responsáveis em relação a seu contexto. (GROSSBERG, 2013, p. 4).



O autor aqui, expõe os aspectos que essa metodologia nos fornece para responder aos objetivos da pesquisa, olhando para o indivíduo e suas identidades. Williams (2003), define a teoria da cultura como “o estudo das relações entre os elementos de todo um modo de vida”, e acrescenta que “a análise da cultura tem o intento de descobrir a natureza da organização que constitui o complexo dessas relações” (WILLIAMS, 2003, p. 56).

Para Williams (2003) a análise parte da observância de padrões culturais e a partir desses padrões podemos olhar para os objetos e as relações entre eles. Essas correspondências observadas poderão revelar suas identidades enquanto fenômenos culturais, com isso poderemos perceber suas pluralidades e analisá-las.

Hall (2003) também revela o caráter revolucionário de pesquisar as culturas a partir dessas perspectivas de uma cultura viva e em processo.

As utilizações da cultura propuseram-se – muito no espírito da “crítica prática” – a ler a cultura da classe trabalhadora em busca de valores e significados incorporados em seus padrões e estruturas: como se fossem certos tipos de “textos”. Porém, a aplicação desse método a uma cultura viva [...] foi um desvio radical (HALL, 2003, p.132)

Para atingir o objetivo desta pesquisa, e partindo desse modelo de análise os procedimentos metodológicos foram divididos em quatro etapas: pesquisa bibliográfica; mapeamento dos jornalistas negros nos principais veículos de comunicação de Imperatriz (tv, rádio e jornais) por meio de questionário via “Google Formulários”; realização de entrevistas; por fim, análise e interpretação do material coletado.

Durante o questionário de mapeamento tivemos resposta de 15 profissionais que se autodeclaravam negros e/ou pardos. Após a análise do mapeamento entramos em contato com estes profissionais e utilizamos os critérios de serem jornalistas negros(as) e estarem atuando no mercado como jornalistas. Ao contato com os informantes do mapeamento, para a fase de entrevistas, dos 15 profissionais que responderam ao questionário, apenas 10 estavam trabalhando diretamente na função de jornalista, destes, 8 toparam colaborar com o estudo, 2 do sexo masculino e 6 do sexo feminino.

### *3.2.1 Mediações da institucionalidade e tecnicidade na prática profissional de jornalistas negros em Imperatriz.*

A partir do mapa das mediações proposto por Martín-Barbero (2008), vamos discutir as relações de produção de mercado e suas interrelações, por isso, a parte superior do mapa proposto é o que mais nos interessa.

A institucionalidade, neste caso, são relações discursivas que configuram as identidades e os processos sociais. Pode ser exercida pelo Estado, pela mídia, pela academia, pela religião, pelos setores de poder na sociedade. Nesse sentido, é uma mediação muito importante para nossa pesquisa pois a partir dela são estabelecidas as posições, as imagens, os cargos que os jornalistas negros podem ocupar / adquirir.

Nesse processo de mediações, a institucionalidade é a responsável por balizar os discursos e abrange as relações de poder dos grupos sociais, políticos e econômicos. Aqui tratamos das relações de poder nas instâncias da produção jornalística. Esse aspecto da mediação tem um destaque especial para esse trabalho quando consideramos que o processo das identidades dos negros vem sendo construído ao longo de séculos em uma trajetória de luta de desconstrução de racismos que se manifestam nas lógicas de produção. É essa mediação entre Lógicas de Produção e Matrizes Culturais que nos permitirão analisar mais intimamente as identidades dos(das) jornalistas negros. E é nesse ponto em que analisaremos as questões de negritude, manifestação dos racismos, jornalismo enquanto instituição democrática de liberdade e a realidade de atuação desses profissionais negros.

“A institucionalidade, imbricada de interesses e poderes contrapostos que afetam continuamente a regulação de discursos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 17). Segundo Martín-Barbero, a comunicação na perspectiva da institucionalidade [...] “se converte em questão de meios, isto é, de produção de discursos públicos cuja hegemonia se encontra hoje paradoxalmente do lado dos interesses privados” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 18).

A mediação da institucionalidade é aquela que tende a regular os discursos, abrangendo as relações de poder dos grupos sociais, políticos e econômicos na instância da produção. Tem o Estado como seu principal agente, mas, na atual conjuntura política dos países latino-americanos, “assistimos a uma multiplicação de movimentos em busca de outras institucionalidades, capazes de *dar forma* às pulsões e aos deslocamentos da *cidadania* para o âmbito cultural e do plano da representação para o do *reconhecimento* instituinte” (CARDOSO, 2016, p. 127).

A tecnicidade, por sua vez, corresponde às práticas e/ou conhecimentos técnicos para o exercício da profissão de jornalista, neste estudo. Também tem a ver com a concorrência empresarial, as disputas entre as empresas, as rotinas produtivas, a aceleração do tempo no jornalismo, entre outras questões. “A tecnicidade é a mediação que se refere às inovações tecnológicas e à competitividade no campo cultural” (CARDOSO, 2016, p. 128).

A tecnicidade medeia os Formatos Industriais e as Lógicas de Produção, remetendo-se à construção de novas práticas através das diferentes linguagens dos meios. Ela aponta para os modos como a tecnologia vai moldar a cultura (WOTTRICH; SILVA; ROSSINI, 2009, p. 4).

A fim de pensar essas mediações, iremos focar nossa análise no setor das lógicas de produção, que corresponde à organização empresarial do campo jornalístico em Imperatriz. E já tratamos anteriormente das matrizes culturais, aqui representadas pelas discussões sobre o racismo estrutural e a cultura escravocrata no Brasil vistos em capítulo anterior.

Entendemos também, que matrizes culturais funcionam como marcas ideológicas que constituem as identidades dos campos sociais. “As matrizes culturais condensam a produção hegemônica de comunicação baseada no capital, as transformações tecnológicas e sua cumplicidade com o imaginário subalterno” (CARDOSO, 2016, p. 113).

Conforme Martín-Barbero (1997), a proposta é investigar os processos culturais a partir das mediações e dos sujeitos, e das práticas de comunicação, é neste local que intervêm as matrizes culturais. “Matrizes culturais não se referem à evocação do arcaico, mas ao “residual”, “substrato da constituição dos sujeitos”, “veios de entrada para outras matrizes dominadas, porém ativas” (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 258).

Segundo Jane Mazzarino (2008), podemos entender as matrizes culturais como “marcas incrustadas na experiência social dos sujeitos, que são ativadas nas interações sociais, embaralham-se com as novas experiências e os novos movimentos”. São fazeres na vida do sujeito, sejam estes individuais ou coletivos.

Estas matrizes culturais atualizam-se no (des)encontro cultural da interação social – comunicacional e/ou midiática – e são também nestes encontros que se modificam, desterritorializam-se para reterritorializarem-se. As matrizes culturais se constituem por via das mediações sociais, e, ao mesmo tempo, são elas mesmas mediações

para os fazeres sociais e na construção de novas identidades (MAZZARINO, 2008, p.49).

Martín-Barbero (2008) propõe essa deslocação do debate dos meios para as mediações. “Diante dos processos de transnacionalização, de emergência de novos sujeitos sociais e identidades culturais, a comunicação tornou-se um espaço estratégico para pensar a sociedade contemporânea (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258).

Embora, centrando a discussão na produção, não desconsideramos a circulação (formatos industriais) e o consumo, nem tampouco a socialidade e a ritualidade na construção identitária dos(das) jornalistas negros(as). Entendemos que para compreender o processo de comunicação precisamos dessa abordagem integrada. Por isso, todas elas serão mencionadas, mas nem todas serão investigadas empiricamente, de acordo como previsto nos objetivos da atual pesquisa. Poderemos investigar os outros pontos do mapa, com profundidade, em pesquisas futuras.

Martín-Barbero (2008) representa os Formatos Industriais, pelos gêneros em que os atores estão inseridos. Ele elege em seus trabalhos a televisão como lugar para explorar as mediações, aqui estendemos esse local para os veículos de comunicação (TVs, Jornais, Rádio e Assessorias), pois esse é o ambiente em que os sujeitos pesquisados – os jornalistas negros - exercem sua prática profissional. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 303).

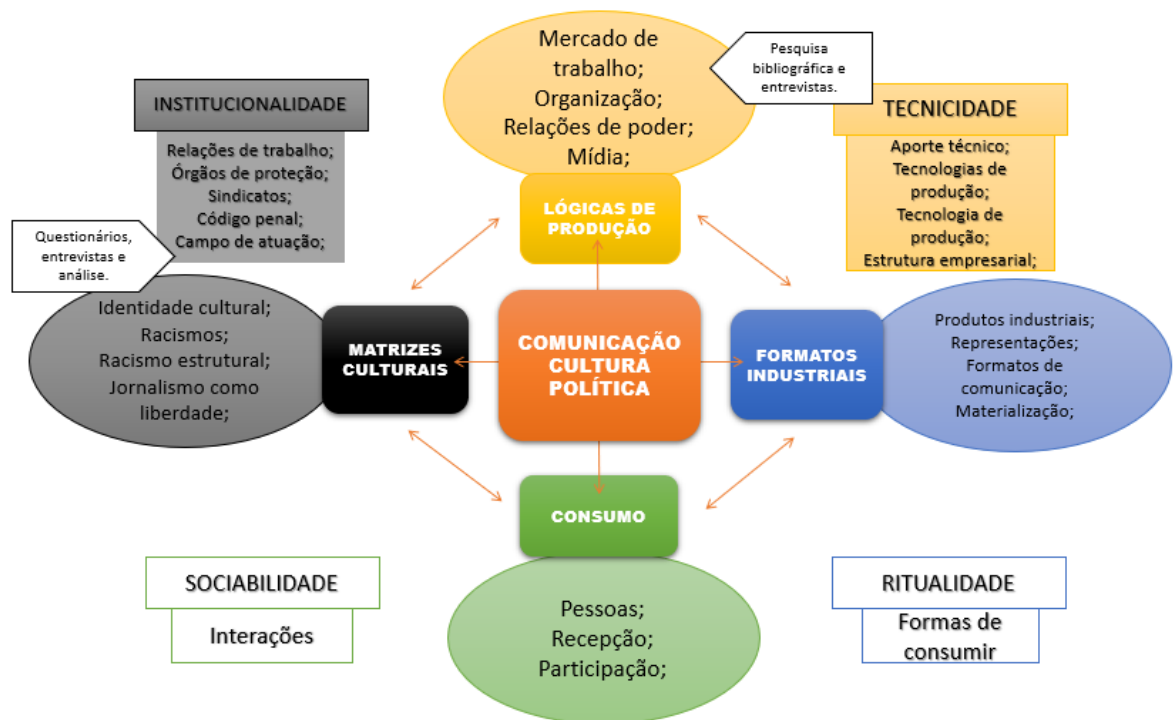
Os estudos de Martín-Barbero (2008) dedicam-se ao consumo midiático, alinhados aos estudos da recepção. “No espaço das competências de recepção/consumo se encontram as práticas sociais que condicionam a produção de sentido” (CARDOSO, 2016, p 113).

Nesse sentido, apesar de não tratarmos de uma abordagem de recepção, observamos que essa mediação de consumo está presente nas perspectivas dos(as) jornalistas negros(as), suas mediações de sociabilidade como as interações com a audiência e as ritualidades, por meio das formas de consumir da audiência.

O massivo, por sua vez, não se refere apenas aos meios de comunicação de massa, mas a uma nova forma de sociabilidade, uma vez que as relações sociais hoje são organizadas em massa, a exemplo do nosso sistema educacional, de saúde, formas de representação política, organização das práticas religiosas, modelos de consumo e uso do espaço público (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 310).

Podemos aqui antecipar alguns exemplos de consumo, como as demandas de pautas étnico raciais nas redações e a representatividade, interações que também estão no âmbito do consumo quando pensamos no interesse sociocultural da população e nas produções dos(as) jornalistas negros(as). Afinal, essas são produções pautadas do público e para público.

Figura 3 – Mapa Metodológico da pesquisa



Fonte: Adaptado pelo autor

Como observamos no mapa acima, adaptado para a presente pesquisa, nosso estudo perpassa pelo mapa das mediações utilizando como técnicas de coleta: questionários, entrevista e observação. Com isso, a partir da observação dos sujeitos da pesquisa, os(as) jornalistas negros(as), centramos nossa discussão nas mediações de Institucionalidade e Tecnicidade, que nos possibilitam o fornecimento de sentidos às suas identidades profissional e negra enquanto jornalistas.

Tendo definido as instâncias do mapa e as mediações, propostos por Martín-Barbero (2008), discutiremos o processo de identidade e mediações de forma aprofundada, no próximo capítulo.

A cidade de Imperatriz ainda não possui dados levantados em relação à identidade do jornalista negro, partindo desse princípio o trabalho propõe-se a estudar os(as) jornalistas negros(as), que trabalham nos principais veículos de comunicação da cidade a partir dos Estudos Culturais.

### 3.2.2 *Questionários: Bola de Neve*

Para mapear esses profissionais e identificar os Jornalistas Negros de Imperatriz em assessoria, radio, tv e jornal impresso foi realizado por meio de contatos por telefone e whatsapp nas redes sociais com colegas de profissão, para efetividade de engajamento do maior número de profissionais fizemos uso da técnica “bola de neve” sugerida por Lakatos (2012).

Com uma definição mais técnica, tem-se a principal característica das amostras não probabilísticas “é a de que, não fazendo uso de formas aleatórias de seleção, torna-se impossível a aplicação de fórmulas estatísticas para o cálculo, por exemplo, entre outros de erros de amostra. Dito de outro modo, não podem ser objetos de certos tipos de tratamento estatísticos” (LAKATOS; MARCONI, 2012, p.37-38).

A amostra por bola de neve é uma técnica de amostragem não probabilística onde os indivíduos selecionados para serem estudados convidam novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos. Portanto, a técnica de bola de neve funciona muito bem quando pensamos no contexto das identidades dos jornalistas negros, pois pretendemos agrupar indivíduos e favorecer seu contato social.

Essa técnica é usada com frequência nos estudos sociais por propiciar o acesso a populações e grupos e indivíduos de difícil acesso por parte do pesquisador. Nesse momento pandêmico esse modelo foi fundamental para os primeiros passos de aproximação com o campo estudado.

Na amostragem bola-de-neve, escolhe-se inicialmente um grupo aleatório de entrevistados. Após serem entrevistados, solicita-se que identifiquem outros que pertençam à população alvo de interesse. Os entrevistados subsequentes são selecionados com base

nessas referências. Esse processo pode ser executado em ondas sucessivas, obtendo-se informações a partir de informações, o que nos leva a um efeito bola-de-neve. (MALHOTRA, 2006, p. 329).

Esse foi o processo adotado por essa pesquisa, criamos uma amostra por bola de neve e utilizamos os contatos por redes sociais dos jornalistas para que esses nos fornecessem acesso ao grupo específico estudado.

Podemos dividir esse processo nos seguintes passos: Definimos um programa de participação, onde os indivíduos convidam outros membros por convites nas redes sociais; Identificamos nas organizações (Rádio, TV, Jornais e Assessorias) jornalistas que pudessem compartilhar o formulário (Apêndice I) fornecendo acesso aos jornalistas negros; após obter a resposta dos contatos iniciais, elaboramos um roteiro de perguntas para realizarmos as entrevistas com os atores escolhidos.

Assegurar a diversidade dos contatos através da seleção adequada dos indivíduos iniciais foi o desafio inicial da pesquisa. E a partir disso, saímos do contato *on-line* e partimos para o contato pessoal para a realização das entrevistas, respeitando todos os protocolos de segurança e higiene em relação à pandemia da Covid-19 que o país enfrenta.

### 3.2.3 Entrevistas

Nesse momento o mapeamento coloca-se apenas como uma aproximação com o campo para servir-nos como ponto de partida para a seleção dos informantes da pesquisa.

A partir das fases de embasamento teórico e mapeamento e seleção dos jornalistas negros acima citados nas duas primeiras fases, conforme Duarte (2015) p.62) faremos uso da entrevista em profundidade. A entrevista enquanto processo de dados para a pesquisa “é uma das mais comuns e poderosas maneiras para tentar compreender a nossa condição humana” (DUARTE, 2015, p.62).

Relacionada aos estudos qualitativos, a entrevista objetiva compreender uma situação ou estrutura de um problema. Como nos estudos qualitativos em geral o objetivo está relacionado à aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade, pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas. (DUARTE, 2005, p.63).

A entrevista é bastante utilizada quando o assunto exige coleta de dados em profundidade. Entendemos que a pesquisa qualitativa é um processo racional e sistemático que objetiva responder aos problemas propostos.

Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. A entrevista semiestruturada “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para Manzini (1990, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Para a escolha dos informantes da pesquisa, elegemos os seguintes critérios:

- 1) Profissionais que se autodeclaram jornalistas negros;
- 2) Profissionais que tenham identificado em algum momento da sua carreira desafios em relação às pautas raciais;
- 3) Atuação no Jornalismo em veículos de comunicação em Imperatriz.

Para lidar com problemas complexos baseados em relatos e interpretações de realidades, optamos por utilizar essa metodologia. Dentre as categorias e modelos metodológicos de entrevista pretendemos utilizar para esse estudo é a entrevista semiestruturada, pois este modelo de entrevista conforme afirma (DUARTE, 2005, p.66) tem origem em uma matriz, roteiro de questões guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa.

A lista de questões desse modelo tem origem no problema de pesquisa e busca tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. Ela conjuga a flexibilidade da questão não estruturada com um roteiro de controle. (...) Uma entrevista semiaberta geralmente tem algo entre quatro e sete questões, tratadas individualmente como perguntas abertas (DUARTE, 2005, p.66).



Nesse método proposto o pesquisador tem a possibilidade de aprofundar-se e explorar cada questão em profundidade. Apesar de ajustada ao roteiro do pesquisador, esse modelo de entrevista valoriza o conhecimento e experiências do entrevistado.

Para a preparação das entrevistas elaboramos um roteiro-guia, com os tópicos centrais e relevantes relacionados ao tema com o embasamento teórico da primeira fase aqui proposta.

A respeito da seleção de fontes, optamos por uma seleção qualitativa a partir do mapeamento da fase dois – desta pesquisa – nos meios de comunicação de Imperatriz-MA. Foram escolhidos 2 profissionais de cada suporte comunicacional entre rádio, tv, assessoria e jornais, a partir dos contatos iniciais da pesquisa e levantamento do formulário proposto.

Por se tratar de um tema que pode expor constrangimentos na classe profissional e críticas assertivas às empresas, garantimos o anonimato das fontes de pesquisa. Durante o percurso e análise no trabalho, optamos por nos referir aos informantes por A, B, C, D, E, F, G e H, para a segurança desses profissionais.

Nos estudos qualitativos, são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, a muitas sem relevo. Desse modo, e no limite, uma única entrevista pode ser mais adequada para esclarecer determinada questão do que um censo nacional. Por isso, é importante considerar que uma pessoa somente deve ser entrevistada se realmente pode contribuir para ajudar a responder à questão de pesquisa (DUARTE, 2005, p.68).

Os relatos dos sujeitos participantes da pesquisa, tem relação direta à significação e às capacidades que estes têm em fornecer relatos confiáveis à pesquisa.

A entrevista propicia descobertas individuais e coletivas de maneira organizada. Por se tratar de estudo de identidade essa liberdade é fundamental para o estudo. O trabalho de campo enquanto método qualitativo proporciona uma grande quantidade de dados e uma riqueza de informações.

Multiplicidade de dados é o que a pesquisa propõe para apresentação de dados, evidências e conclusões. Questões raciais que envolvem e envolveram as vivências desses atores (preconceito, racismo e consciência).

[...] é através do uso que fazemos das coisas, e o que dizemos, pensamos e sentimos acerca delas – como as representamos – que lhe damos significado. Em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos conosco. Em parte damos significado às coisas através da forma como as utilizamos, ou às integramos em nossas práticas do cotidiano (HALL, 1997, p. 3).

Nesse sentido, damos continuidade à análise proposta, a partir dos relatos dos informantes selecionados no processo de pesquisa.

#### **4. A PELE QUE HABITO: QUEM SÃO OS JORNALISTAS NEGROS EM IMPERATRIZ?**

A partir de agora iremos fazer inferências sobre a realidade social dos profissionais jornalistas negros nas empresas de comunicação em Imperatriz, considerando os dados coletados nas entrevistas, questionários e observações de campo, como descrito na metodologia.

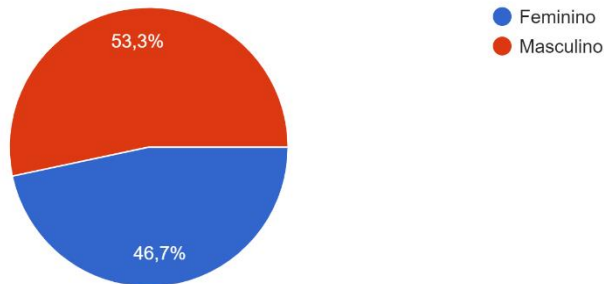
Diante dos estudos já realizados sobre a temática em âmbito nacional, trazemos nosso olhar regional com o intuito de contribuir para o mapeamento da desigualdade racial e da discussão sobre o racismo estrutural no campo de trabalho da comunicação, em Imperatriz.

##### **4.1 Perfil do Profissional Negro: Entre Discursos e Contradições**

Para iniciarmos a análise dos dados da pesquisa vamos conhecer o corpus estudado. Em um primeiro levantamento aplicamos um questionário para identificar esses jornalistas negros e saber como estes se definem, contamos com 15 respondentes para os dados quantitativos e destes 8 avançaram para a fase qualitativa.

Conforme a aplicação dos questionários para o mapeamento do objeto de estudo (Apêndice I), seguem os resultados preliminares sobre os informantes da pesquisa. Ressaltamos que esses resultados foram retirados do Google Formulários. É a partir desses resultados e de suas análises que aplicamos as entrevistas (Apêndice II) e fizemos as discussões e análises do material coletado.

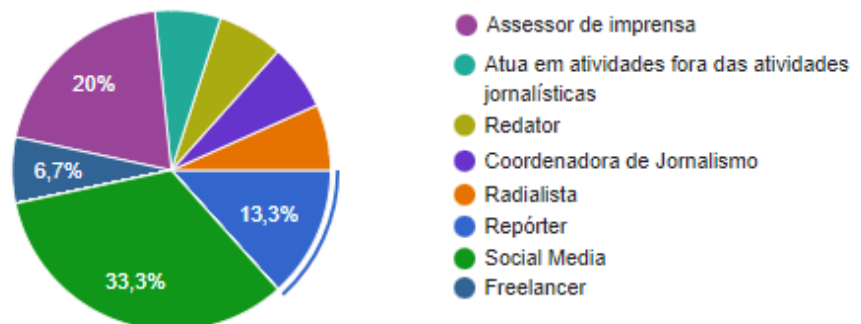
Sobre seu sexo?  
15 respostas



**GRÁFICO 1** – Google Forms. Sexo.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Entre os entrevistados as proporções estão equilibradas 54% dos participantes que toparam responder a pesquisa são mulheres e 47% homens.

Qual o seu cargo de atuação?  
15 respostas



**GRÁFICO 2** – Google Forms. Cargo.  
FONTE: Elaborado pelo autor

O gráfico nos mostra quais funções desempenham esses jornalistas negros considerando o já exposto com relação aos cargos destes profissionais, percebemos uma variedade considerável tanto para os cargos quanto para a variação de níveis de chefia. Assim temos: assessor de imprensa 20%, atividades fora do jornalismo 6,7%, redator 6,7%, coordenador de jornalismo 6,7%, radialista 6,7%, repórter 13%, social media 33,3% e freelancer 6,7%. A mostra nos oferece um panorama multifacetado da realidade local de Imperatriz-MA.

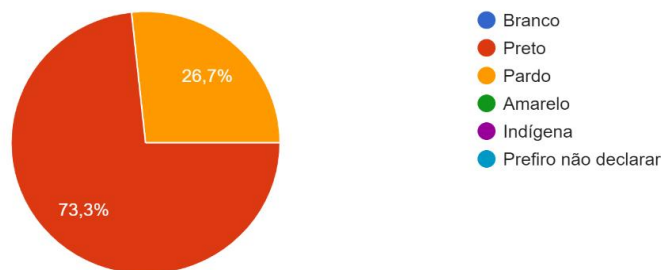
Esses são resultados que indicam, com contornos bem definidos, a dificuldade de acesso dos profissionais negros aos patamares mais altos das redações brasileiras. Considerando que mesmo entre os jornalistas negros que responderam 66,7% não conseguem alcançar cargos de chefia.

O que me angustia muito no jornalismo é que temos que estar 24 horas disponível e nunca somos reconhecidas por isso, tenho mais de 5 anos de atuação e nunca tive promoção, aqui a liderança sempre são de pessoas brancas, por mais que você dê o seu melhor, as oportunidades não sou colocadas para você que é negro (Informação Verbal<sup>5</sup>).

Já o informante C que ocupa um cargo de chefia relata os desafios enfrentados e a disparidade salarial entre pessoas brancas e negras:

Hoje estou em um cargo de chefia, mas não é equiparado ao antecessor que era branco. A gente da redação sabe quanto todos ganham e quando tive uma promoção para esse cargo, a minha proposta salarial foi menor, ou seja, estou em um cargo ganhando menos do que eu deveria, lamenta. (Informação Verbal<sup>6</sup>).

A qual grupo racial você pertence?  
15 respostas



**GRÁFICO 3** – Google Forms. Grupo Racial.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Observamos também que no quesito autodeclaração utilizado atualmente como parâmetro de identificação do IBGE, quando perguntamos: com qual grupo racial se identifica? A maioria 73,3% autodeclara-se como pertencente ao grupo racial “preto”. “Pra mim é um orgulho ser negra e dizer eu sou preta e chegar onde eu cheguei. Pode parecer pouco para as pessoas, mas é muito para quem é preto e tem poucas oportunidades”. (Informação Verbal<sup>7</sup>).

<sup>5</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante B, em 07 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>6</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante B, em 07 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>7</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante B, em 07 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

Em contraponto 26,7% se autodeclararam pardos, a ideia de mestiçagem e divisão de raça ainda esta muito presente no imaginário social, como destaca Kabengele Munanga (1997):

A mestiçagem tanto biológica quanto cultural teria entre outras conseqüências, a destruição da identidade racial e étnica dos grupos dominados, ou seja, o etnocídio. Por essa razão, a mestiçagem como etapa transitória do processo de branqueamento, constitui peça central da ideologia racial brasileira, embora reconhecemos que todos os intercursos sexuais entre brancos e negros não foram sugeridos por essa ideologia (MUNANGA, 1997, p.190).

Durante os relatos dos entrevistados, percebemos em dois momentos bem claros o que Munanga (1997, p.151) crítica quanto a essa postura, quando afirma que a mestiçagem não pode ser concebida apenas como um fenômeno estritamente biológico, isto é, fenótipo, mas antes de mais nada, a partir de categorias cognitivas largamente herdadas da história da colonização.

“Desde pequena sempre me falavam: você não é negra você é morena e eu cresci com isso, e até hoje digo que sou morena, mesmo percebendo as vezes que ouço os mesmos comentários que pessoas mais escuras”. (Informação Verbal<sup>8</sup>).

“Eu geralmente sofro menos racismo, pois as pessoas me consideraram “morena”, eles exaltam a minha beleza por ser uma negra de pele clara, talvez por isso eu não enfrente tanto racismo exclusivamente por conta da cor” (Informação Verbal<sup>9</sup>).

É através dessas categorias cognitivas, segundo Munanga (1997, p.151), que o conteúdo se torna muito mais ideológico do que biológico, e assim, adquirimos o hábito de pensar nossas identidades sem nos darmos conta da manipulação do biológico pelo ideológico.

Nota-se também que a questão da identificação parte da relação social construída ao longo da vida e na família, como destacaram os informantes C, G e H:

“Minha família é uma família de pretos, sempre nos tratamos como pretos, essa coisa de pardo não é uma identificação nossa.” (Informação Verbal<sup>10</sup>).

“Minha mãe me registrou como parda, ela diz que sou parda. Mas gente olha pra mim, sou negra e retinta, não tem como não ser negra. E demorei para ter orgulho

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante B, em 07 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

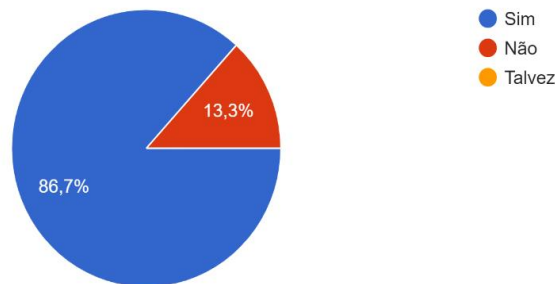
<sup>9</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante F, em 23 de nov. de 2021. Imperatriz, MA.

<sup>10</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante C, em 25 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

da minha cor, mas sempre se senti desconfortável quando eu me definia como parda”, (Informação Verbal<sup>11</sup>).

“Eu sou negro, sempre fui negro, e a minha família sempre ne tratou como negro, então pra mim é algo bem natural eu me defino como um homem negro, tenho consciência da minha cor”. (Informação Verbal<sup>12</sup>).

Você se considera um Jornalista Negro?  
15 respostas



**GRÁFICO 4** – Google Forms. Autodeclaração Negro.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Esse gráfico expõe a questão do reconhecimento em relação à profissão, se compararmos ao gráfico anterior (Gráfico 3), 26,7% definem-se como pardos.

Já quando perguntados se estes profissionais se definem como jornalistas negros o número que se define como pardo diminuiu para 13,3%. Isso nos faz refletir que entre os 26,7% (que se declaram pardos do gráfico anterior) e 13,3% (que não se consideram jornalistas negros), há um grupo correspondente a 13,4% que se declara pardo, mas no exercício da profissão identifica-se como jornalista negro.

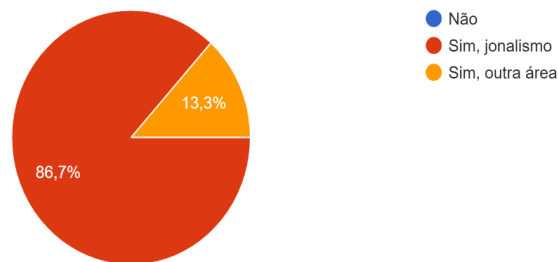
“A minha vida é uma espécie de responsabilidade para eu mostrar para as outras pessoas negras que é possível você conquistar um espaço mesmo que isso seja dez vezes mais difícil” (Informação Verbal<sup>13</sup>).

<sup>11</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante G, em 15 de nov. de 2021. Imperatriz, MA.

<sup>12</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante H, em 08 de nov. de 2021. Imperatriz, MA.

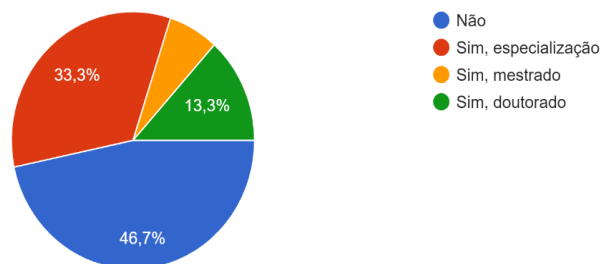
<sup>13</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante H, em 08 de nov. de 2022. Imperatriz, MA.

Você cursou o nível superior?  
15 respostas



**GRÁFICO 5** – Google Forms. Escolaridade.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Você cursou alguma pós-graduação?  
15 respostas



**GRÁFICO 6** – Google Forms. Especialização.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Escolaridade, formação acadêmica e profissional são mediações ligadas à tecnicidade a tecnicidade, às práticas e/ou conhecimentos técnicos para o exercício da profissão de jornalista.

Como já citado, essa mediação está também relacionada com a concorrência empresarial, as disputas entre as empresas, as rotinas produtivas, a aceleração do tempo no jornalismo, entre outras questões. O gráfico mostra que os(as) jornalistas negros(as) fazem uso dessa mediação como forma de enfrentar as desigualdades presentes no mercado. “A tecnicidade é a mediação que se refere às inovações tecnológicas e à competitividade no campo cultural” (CARDOSO, 2016, p. 128).

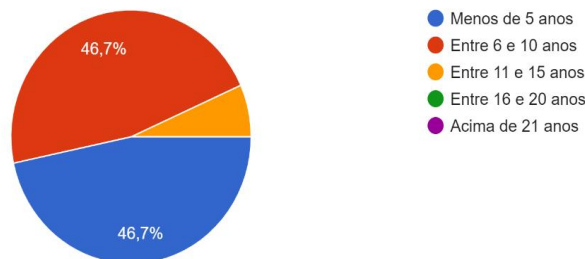
“Eu decidi me especializar para mudar de profissão seguir carreira, porque mesmo com meus títulos e por mais que eu me especialize as oportunidades parecem

ser as mesmas aqui no mercado.” (Informação Verbal<sup>14</sup>). Esses resultados mostram que os jornalistas negros enfrentam graves desvantagens de oportunidades e socioeconômicas.

A utilização da política de cotas para ingresso no ensino superior também foi destacada pelos entrevistados, indicando a relevância dela para permitir o acesso à universidade.

“Sempre fiz uso da política de cotas, sempre fui bolsista desde muito nova e meus pais foi quem lutaram por isso, pagar escola, estudos não era uma realidade minha como pobre e negra, então sempre fiz uso dessas alternativas para conseguir chegar ao nível superior e conseguir uma vaga no curso de jornalismo” (Informação Verbal<sup>15</sup>)

Quanto tempo de profissão jornalística você tem?  
15 respostas



**GRÁFICO 7** – Google Forms. Tempo de Profissão.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Neste cenário da pesquisa apenas 6,6% dos jornalistas negros têm entre 11 e 15 anos de profissão. A maioria 93,4% está entre 5 e 10 anos de exercício enquanto jornalista.

Eu sou radialista, mas conto como profissão, no máximo 15 anos. Antes não tinha curso, não tinha registro, não tinham negros locutores, não tinha nada. Quando comecei na rádio foi como faxineiro e apoio a produção, carregando cabos. Precisei passar vários anos até que surgisse uma oportunidade na locução, que nem era jornalismo, era mais publicitária no início, só depois de muitos anos que surgiram oportunidades na profissão. (Informação Verbal<sup>16</sup>).

<sup>14</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante D, em 25 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>15</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante G, em 15 de nov. de 2021. Imperatriz, MA.

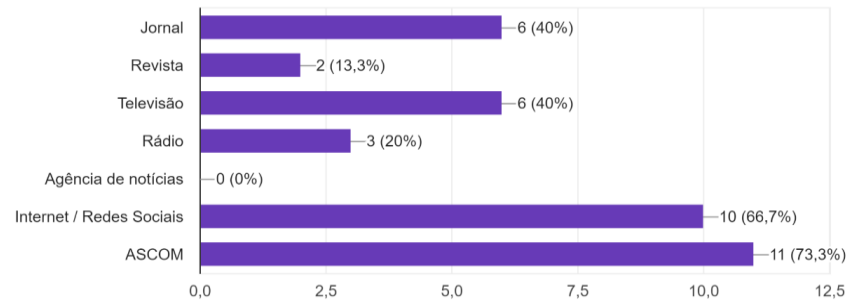
<sup>16</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante G, em 15 de nov. de 2021. Imperatriz, MA.



Essa entrevista com o Informante G, radialista de longa data na cidade Imperatriz, denota que a questão mostrada no gráfico reflete conquistas recentes quando pensamos na existência de jornalistas negros e o tempo de profissão.

Para qual tipo de mídia você produziu (ou produz) conteúdos jornalísticos? (Obs.: É possível assinalar mais de uma resposta)

15 respostas



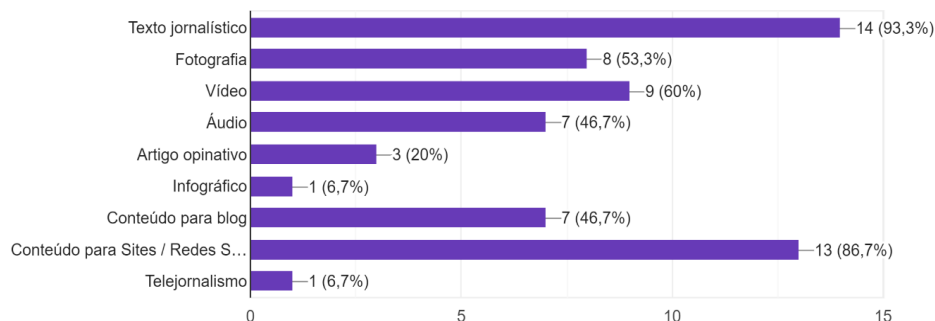
**GRÁFICO 8** – Google Forms. Tipo de Produção.

FONTE: Elaborado pelo autor

Olhando de forma mais funcional para o exercício da profissão, os jornalistas negros apontam que, em relação aos tipos de plataformas e comunicação de formatos de produção, há uma tendência maior à produção de conteúdo para as redes sociais e assessorias de comunicação no município de Imperatriz-MA. Atingindo a marca de 73,3% de produção para as assessorias e 66,7% para conteúdos na Internet / Redes Sociais. Seguidos de 40% para Jornal e 40% para conteúdos jornalísticos para TV.

Que tipo de material você mesmo produziu (ou produz) durante sua atividade profissional? (Obs.: É possível assinalar mais de uma resposta)

15 respostas



**GRÁFICO 9** – Google Forms. Material de Produção.

FONTE: Elaborado pelo autor

Também podemos perceber com esse gráfico a abrangência de matérias que esses jornalistas produzem, com destaque para o texto jornalístico e conteúdo para redes sociais, com 93,3% e 86,7% respectivamente.

Qual a sua faixa de renda durante o período em que atuou (ou atua) como jornalista?  
15 respostas

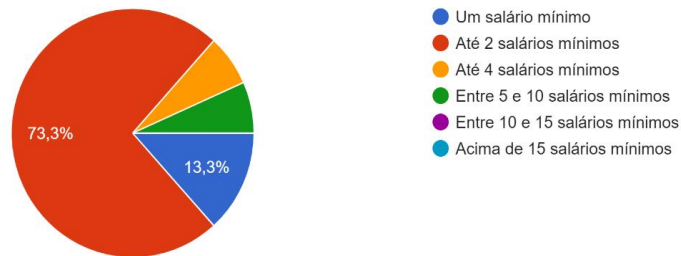


GRÁFICO 10 – Google Forms. Renda.  
FONTE: Elaborado pelo autor

De acordo com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) o salário normativo para o jornalista para todas as categorias tem como vencimento estipulado R\$ 3.146,12 (três mil cento e quarenta e seis reais e doze centavos)<sup>17</sup>, uma realidade bem distante da relatada pelos jornalistas negros de imperatriz.

A maior parte, 73%,3%, dos jornalistas negros que participaram da pesquisa afirmam ganhar até dois salários mínimos o que corresponde a remunerações entre R\$ 1.091 (mil e noventa e um reais) e R\$ 2.182 (dois mil cento e oitenta e dois reais).

O dado mostra também a mediação da institucionalidade quando expõe essa relação trabalhista, onde jornalistas negros(as) recebem menos, essa precarização do trabalho e a baixa remuneração acentua a desigualdade salarial desses profissionais.

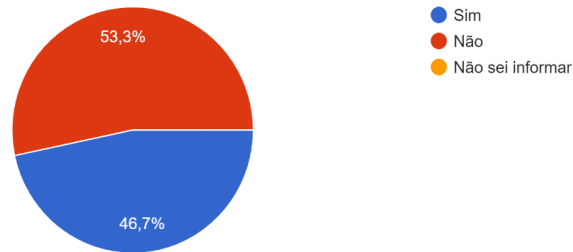
É um absurdo os salários dos jornalistas aqui na cidade. Tenho colegas que ganham menos que mil e quinhentos reais é um salário que não supre as necessidades. Você estuda tanto pra isso. Foi por esse motivo que eu decidi tentar uma carreira de concurso na assessoria, lembro que me candidatei par uma vaga, e minha colega branca ganhava três mil e quinhentos nesse cargo e quando fui para a entrevista me ofereceram mil e trezentos reais, eu fiquei chocada quando o entrevistador me fez essa proposta, pra mim foi um choque de realidade essa situação (Informação Verbal<sup>18</sup>).

<sup>17</sup> Pisos Salariais Atuais dos Jornalistas no Brasil. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/sindicatos/convencoes-e-acordos-coletivos/pisos-salariais-atuais/>>

<sup>18</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante B, em 07 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

Você já sofreu algum episódio de racismo / constrangimento racial em sua profissão (do chefe ou em campo)?

15 respostas



**GRÁFICO 11** – Google Forms. Episódios de racismo.

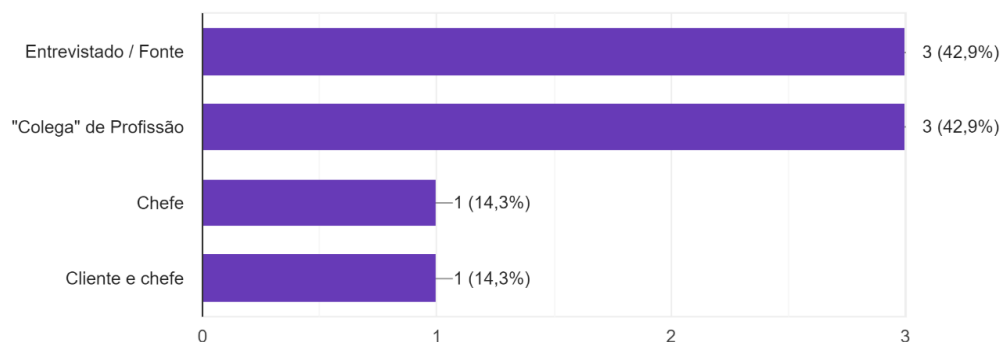
FONTE: Elaborado pelo autor

Quanto aos episódios de racismo percebemos que quase metade dos entrevistados 46,7% no momento da pesquisa já identificam de cara que sofreram racismo. O que nos leva a perguntar qual que fonte desse racismo e de quem sofreram discriminação.

Nunca vou esquecer do meu primeiro episódio de racismo. Quando eu ainda era estagiária com 21 anos, fui fazer uma entrevista com um empresário, e quando cheguei na empresa e me identifiquei como jornalista a secretária do tal empresário barrou minha entrada e duvidou de mim. Eu afirmava que era a Jornalista e ela não acreditava, depois dessa situação constrangedora, já na entrevista, a própria fonte olhou pra mim e disse: nossa você é a jornalista? E não é coisa da minha cabeça, os olhares o deboche e a rejeição, senti que foi pela cor sim, no pensamento deles, aquele lugar ali não era meu ou pra mim (Informação Verbal<sup>19</sup>).

Se você já sofreu algum episódio de racismo exercendo o jornalismo, quem o praticou?

7 respostas



<sup>19</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante E, em 23 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

**GRÁFICO 12** – Google Forms. Racismo, quem praticou?.  
 FONTE: Elaborado pelo autor

De acordo com os 8 entrevistados que afirmaram ter sofrido racismo, percebemos que a maioria, 6 deles, relataram ter sofrido discriminação por parte dos entrevistado/fontes e dos próprios colegas de profissão.

Para exemplificar de forma concisa os dados qualitativos da entrevista no que se refere ao racismo estrutural, elaboramos uma tabela com a centralidade das respostas referente aos seguintes questionamentos:

- a) O que é Racismo?
- b) O que é Racismo Estrutural?
- c) Sofreu racismo durante o exercício da profissão?

A proposta aqui não é julgar o que é o racismo estrutural, mas sim perceber a partir das percepções dos atores como eles definem essas questões. A partir disso, temos as seguintes respostas.

**TABELA 1**

Entrevista: Racismo estrutural e percepções dos jornalistas negros palavras recorrentes

	<b>O que é Racismo?</b>	<b>O que é Racismo Estrutural?</b>	<b>Sofreu racismo durante o exercício da profissão?</b>
<b>Informante A</b>	“Ato de VIOLÊNCIA usando como justificativa a cor”	“É aquele racismo SUTIL”	“SIM já fui seguida e até mesmo acusada de roubo em uma cobertura”
<b>Informante B</b>	“É uma VIOLÊNCIA física e mental contra um grupo”	“É aquilo que acontece de forma INVISÍVEL que pouco se percebe”	“SIM, mas até hoje me questiono a respeito disso. Será que foi racismo mesmo o tratamento diferenciado que recebi?”
<b>Informante C</b>	“É o pior tipo VIOLÊNCIA contra pessoas”	“É algo difícil de identifica porque ele é NORMALIZADO”	“SIM, até hoje escuto piadinhas do tipo: prende esse cabelo”
<b>Informante D</b>	“É um crime, uma VIOLÊNCIA que não se justifica”	“É quando você nega oportunidade e acesso ou opta usa critério da cor”	“Não, acredito que sofri mais pela aparência do que por ser negro”

		para INFERIOZIZAR ou negar oportunidades”	
<b>Informante E</b>	“Definiria como uma VIOLÊNCIA, algo que me choca”	“É uma forma SUTIL que muitas vezes está entranhada na sociedade”	“SIM, e só depois descobri que era racismo, no momento só achei que a contratante não gostava do meu trabalho”
<b>Informante F</b>	“Atentar contra um grupo de forma VIOLENTA”	“É uma reprodução do racismo SUTIL que está nas pessoas”	“SIM, até hoje há uma cobrança sobre a minha aparência e o cabelo para alisar”
<b>Informante G</b>	“VIOLÊNCIA contra a vida contra a dignidade humana”	“É forma SUTIL de ser racista”	“SIM, não fui reconhecido como jornalista não sei se foi só pela cor ou também pela idade”
<b>Informante H</b>	“é a forma mais triste de VIOLAÇÃO da pessoa humana e discriminação”	“É a construção SUTIL para negar o racismo evidente”	“SIM, pelo não reconhecimento, é sempre você é uma negra bonita, você é uma negra inteligente. A cor sempre atrelada a uma condicional”

FONTE – Elaboração do autor

A tabela acima destaca três pontos cruciais que foram extraídos das entrevistas para tratar da questão estrutural do racismo. Como podemos observar, todos os informantes em algum momento de suas carreiras profissionais sofreram alguma prática que consideram racista. Esse é um dado de extrema importância pois sugere que há uma crítica quanto à percepção desse profissional em identificar tais práticas racista.

Percebemos que o racismo estrutural é uma matriz cultural do Brasil e está presente também na realidade de jornalistas de Imperatriz. MARTIN-BARBERO, (1997, p. 258), destaca que essas matrizes culturais se referem ao “residual”, “substrato da constituição dos sujeitos”, “veios de entrada para outras matrizes dominadas, porém ativas.

Conforme Jane Mazzarino (2008), essas matrizes culturais são “marcas incrustadas na experiência social dos sujeitos, que são ativadas nas interações sociais, embaralham-se com as novas experiências e os novos movimentos”. No caso dos(as) jornalistas de Imperatriz o racismo estrutural de intensifica tanto de maneira individual quanto coletiva.

Quanto às recorrências, destacamos as palavras que estão imbricadas nos relatos desses profissionais e que são recorrentes na maioria. Quando o assunto é racismo, associam principalmente a palavra violência para definir a prática.

Sobre racismo estrutural, definem a suavização do termo e a palavra “sutil” é a que tem mais recorrências nas falas para definir como estes atores percebem esse sistema simbólico.

A partir disso faremos agora uma comparação entre as porcentagens do levantamento da pesquisa do “Perfil Racial da Imprensa Brasileira” e destacaremos algumas falas das entrevistas com os jornalistas negros de Imperatriz.

• **Discriminação pela aparência**  
 35,7% no atual emprego/trabalho  
 20,9% na vida profissional:  
 recriminar o cabelo;  
 piadas sobre o cabelo;  
 pedir para alisar ou prender o cabelo;  
 imagem não agrada apenas por ser negro(a), não possuir o padrão de beleza exigido.

FIGURA 9 – Preconceito racial em geral.  
 FONTE: Perfil Racial da Imprensa Brasileira. nov. 2021, p.22.

Mais uma vez, o levantamento expõe a questão do fenótipo como vetor para a prática de discriminação, quanto mais características de pessoa negra possui, mais esse jornalista sofre discriminação.

O que mais acontece comigo, acredito que por eu ser uma negra que tenho para além da cor menos características no fenótipo como: nariz afilado, cabelo cacheado e não crespo, ser magra, eu não sofro um racismo de discriminação negativa. O que escuto é sempre: nossa como vocês é uma negra bonita. As pessoas sempre ressaltam as características que elas não consideram de pessoas negras para destacar minha beleza (Informação Verbal<sup>20</sup>).

<sup>20</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante B, em 07 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

Essa fala da informante H é bastante simbólica para a pesquisa pois ela mostra como a manifestação do racismo pela aparência de manifesta nas formas mais diversas possíveis, mesmo transvestida de elogio.

**• Discriminação no tratamento profissional**  
 28,6% no atual emprego/trabalho  
 34,9% na vida profissional:  
 tratamento diferenciado para oportunidades e promoções;  
 diferenças de salário e benefícios por ser negro;  
 recusa de pautas com acusação de vitimismo.

FIGURA 10 – Discriminação no tratamento profissional.  
 FONTE: Perfil Racial da Imprensa Brasileira. nov. 2021, p.22.

A discriminação quanto ao tratamento profissional também foi destaque na maioria dos entrevistados o informante G relatou passar por constrangimentos recorrentes durante a sua rotina profissional.

No meu caso, não sei se é porque trabalhava para um grande veículo de comunicação, mas sempre percebia essas questões vindo das fontes. Quanto ia cobrir alguma pauta que tinha alguém “importante”, famoso ou de alto poder aquisitivo, o entrevistado sempre questionava: é você o jornalista? Sempre tinha esse tipo de piada, você sente que é racismo, mas no momento meio que você procura outro motivo para justificar e de certa forma só segue em frente. Você realmente só pensa nisso quando você descobre que o seu colega branco nunca é questionado com esse tipo de indagação da fonte, nunca tem a sua função colocada em cheque (Informação Verbal<sup>21</sup>).

**• Assédio racial**  
 32,1% no atual emprego/trabalho  
 44,2% na vida profissional:  
 uso de termos racistas por colegas de redação;  
 ser xingado, desrespeitado por ser negro;  
 tratado com diferença e desconfiança pelos colegas;  
 se referirem a mim com termos pejorativos, como “neguinho”,  
 “crioulo” e não pelo meu nome.

FIGURA 11 – Assédio Racial.  
 FONTE: Perfil Racial da Imprensa Brasileira. nov. 2021, p.23.

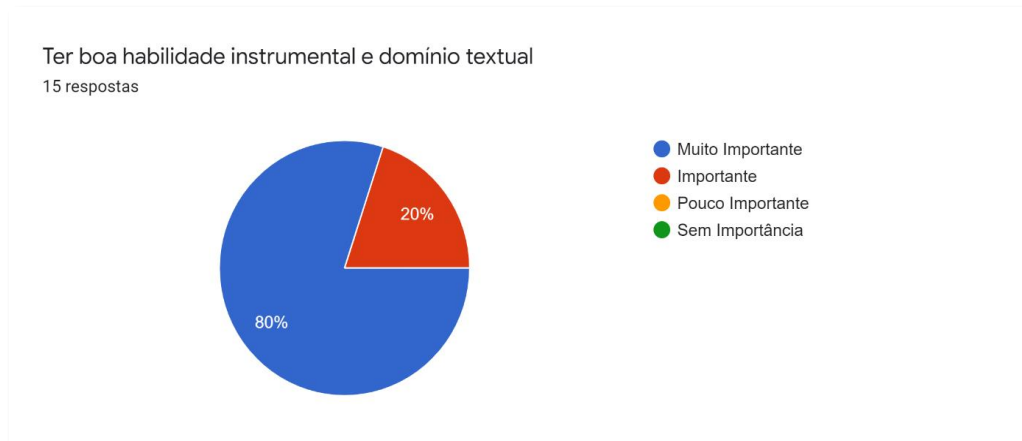
<sup>21</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante G, em 15 de nov. de 2021. Imperatriz, MA.

Quanto ao assédio racial para a realidade dos entrevistados de Imperatriz, durante as entrevistas os próprios jornalistas não identificam como assédio, mas relatam fatos que configuram e limites que precisam ser impostos.

Eu já fui confundida como assaltante em uma cobertura de evento, me acusaram como se eu fosse a responsável por ter roubado um celular, não teria outro motivo que não fosse pela cor esse episódio, quanto a colegas já ouvi comentários sobre minha aparência tipo: “você fica melhor de cabelo liso, porque você alisou o cabelo, esse tipo de coisa”, (Informação Verbal<sup>22</sup>).

Para conseguirem se colocar no mercado e exercer a profissão com o mínimo de dignidade, esses profissionais precisam reafirmar posicionamentos frente aos racismos para desempenharem a sua função enquanto jornalista. Conforme relatam, essa é uma rotina sistemática e estrutural racista no qual estão expostos rotineiramente.

Sempre tenho que colocar limites, sempre exijo ser chamado pelo meu nome, já aconteceram diversas vezes tentarem me colocar apelidos pejorativos, mas sempre coloco limites e exijo ser chamado e mencionado pelo nome e nunca ser referenciado pela cor (Informação Verbal<sup>23</sup>).



**GRÁFICO 13** – Google Forms. Habilidade. FONTE: Elaborado pelo autor

<sup>22</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante A, em 10 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>23</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante D, em 25 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

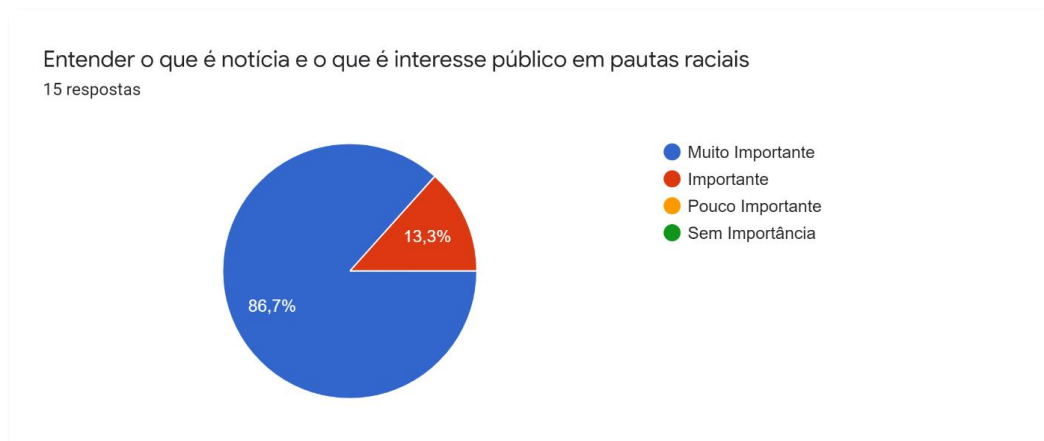




**GRÁFICO 14** – Google Forms. Novas Ferramentas.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Os gráficos acima 13 e 14, expõem a exigência de profissionalização do mercado e atualização. Cada vez mais o jornalista é cobrado e tem o seu trabalho precarizado.

Quando entrei para o jornalismo, como produtora, era impressionante. Tinha tudo, cada um tinha sua função. Hoje o que falta é só o jornalista se filmar e editar o vídeo, porque de resto, ele já faz tudo, se preocupa com a pauta, com o texto, marca entrevista, pensa na própria logística de produção e locomoção, vai par rua, escreve, grava, edita, posta, publica... Enfim hoje uma pessoa só desempenha diversas funções o que termina sobrecarregando o profissional e tolhendo ele de ser criativo ou apresentar algo novo e diferente” (Informação Verbal<sup>24</sup>).



**GRÁFICO 15** – Google Forms. Pautas Raciais.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Apesar de 100% dos jornalistas negros afirmarem ser muito importante ou importante entender a presença da notícia e o interesse público em pautas raciais, a

<sup>24</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante D, em 25 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

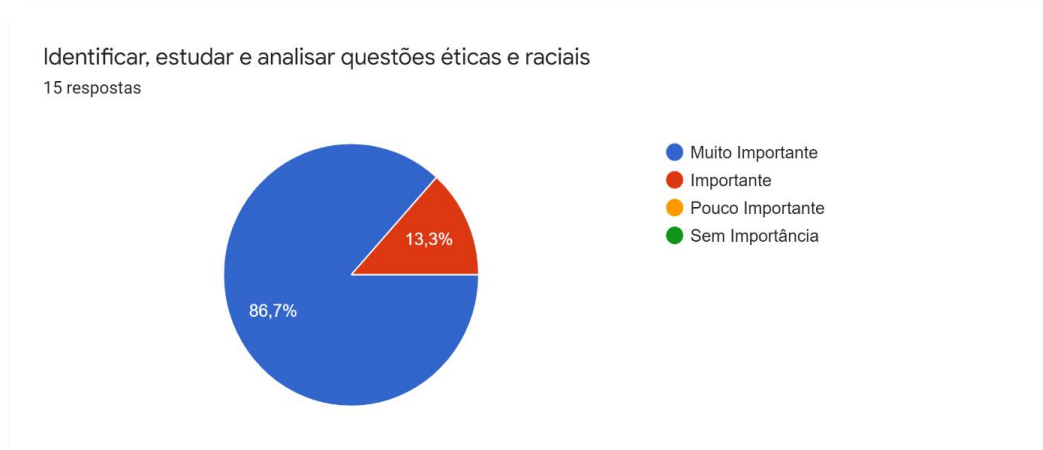
partir dos relatos identificamos que a implementação desse interesse não é efetiva. “A institucionalidade, imbricada de interesses e poderes contrapostos que afetam continuamente a regulação de discursos”(MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 17).

A institucionalidade presente aqui, por mais que haja uma consciência por parte dos sujeitos, a instituição proíbe, dificulta ou desestimula a mudança social, afinal, na perspectiva da institucionalidade, esta se converte em questão de meios, isto é, de “produção de discursos públicos cuja hegemonia se encontra hoje paradoxalmente do lado dos interesses privados” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 18). Como pode-se depreender nas palavras do Informante B:

As pautas raciais não são colocadas nas reuniões, raramente são discutidas. Mesmo em matérias policiais, não vejo essa abordagem ser feita. Geralmente, pelo que tenho memória as pautas raciais são mais feitas no mês da consciência negra mesmo (Informação Verbal<sup>25</sup>).

Quando questionado se já sugeriu pautas dessa natureza e o motivo delas não serem implementadas o Informante B relata que essa é uma cultura da redação.

Até mesmo quando você tem uma fonte de uma pessoa negro ou negra, eles são mais questionados a respeito do currículo. Eu vejo que de uma forma geral a imprensa não aborda tanto essas pautas e muitas vezes a gente, mesmo negro não sugere pois já estamos condicionados a falar do tema já nas datas preestabelecidas do calendário e sempre procuramos a mesma fonte. Talvez até isso seja um pouco racista da nossa parte”, e acrescenta, “Uma vez uma fonte me perguntou porque a gente só procurava personagens negros na época da consciência negra, e eu meio que não soube o que responder (Informação Verbal<sup>26</sup>).



<sup>25</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante B, em 07 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

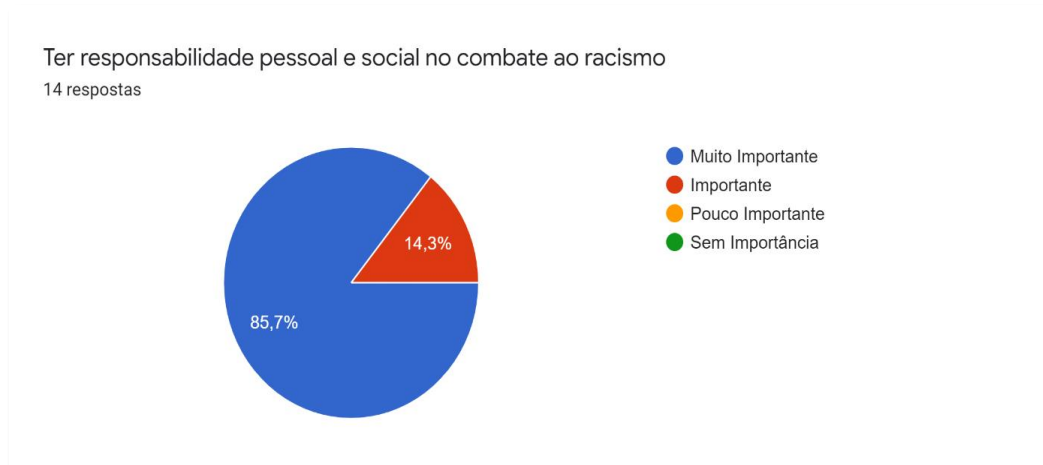
<sup>26</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante B, em 07 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

**GRÁFICO 16** – Google Forms. Estudar Questões Étnicas.  
 FONTE: Elaborado pelo autor

Os(as) jornalistas também afirmam em 100% ser muito importante ou importante identificar, estudar e analisar questões éticas e raciais, mas que os veículos não priorizam essas pautas.

De forma geral não há interesse do jornal em publicar matérias sobre essa temática racial fora do mês da consciência isso é um fato. Como me considero militante da causa, procuro sempre estudar e me aperfeiçoar sobre o tema, acredito que não seja algo que você já saia prono da universidade. Era pra ser, mas tudo que sei hoje vem de atualizações constantes. Uma forma que procuro pra combater isso é tentar colocar mais pessoas negras nas minhas pautas. Recentemente fui escalada para fazer uma pauta sobre empreendedorismo feminino e o direcionamento era uma mulher branca, mas optei por entrevistar uma mulher negra empreendedora que eu conhecia. Acredito que essa é uma forma de driblar esse sistema que é sim racista e de fato existem menos fontes oficiais de pessoas negras, esse também é um fato (Informação Verbal<sup>27</sup>).

Em boa parte dos relatos encontramos esse contraste com relação às pautas sobre negritude, ao passo que os jornalistas relatam ser de extrema importância o tema, não fazem muito, ou se deixam levar pela estrutura dos veículos mantendo a manutenção da invisibilidade de pautas como essa.



**GRÁFICO 17** – Google Forms. Combate ao Racismo.  
 FONTE: Elaborado pelo autor

Mais uma vez os jornalistas afirmam ser muito importante ou importante em 100% ter responsabilidade pessoal e social no combate ao racismo, mas que isso está mais intrínseco à sua vida pessoal do que profissional.

<sup>27</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante F, em 23 de nov. de 2021. Imperatriz, MA.

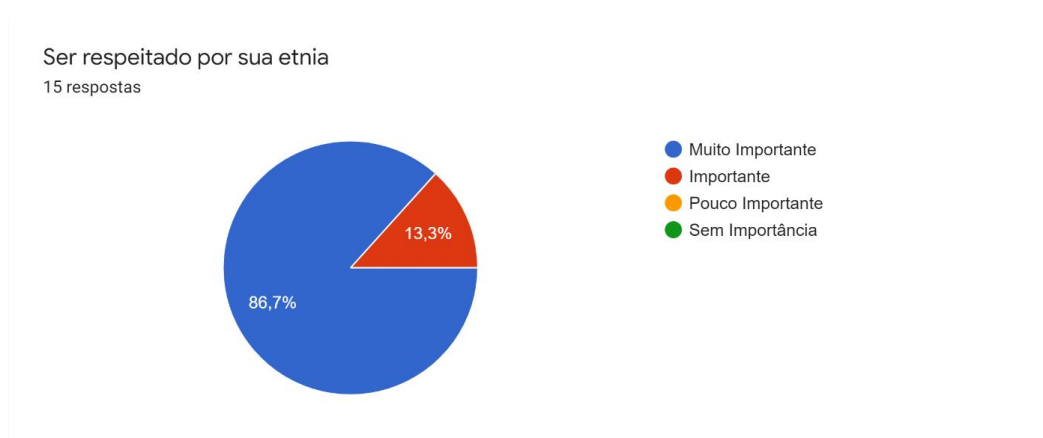
Quando vejo algum ato racista sempre me manifesto, o lugar que tenho par me manifestar é no meu convívio pessoal falando com as pessoas, ainda escuto muito comentários racistas, vejo muita violência, mas não fico calado. Combater o racismo quer seja com a voz, com posicionamento nas redes sociais ou fomentando o conhecimento desses atos violento como crime é um papel de todos e luto pra isso (Informação Verbal<sup>28</sup>).

O Informante A conta também como compreende o combate ao racismo na rotina profissional.

Quando eu trabalhava com o terceiro setor era bem mais fácil, parece que as pessoas são mais conscientes. Agora não, trabalho com muita gente branca escuto muitos comentários racistas, não é só as matérias que são racistas, vejo racismo em tudo, relatos de colegas com relação a aparência, confundir o profissional com outra profissão, entre outras coisas (Informação Verbal<sup>29</sup>).

Quando solicitado a exemplificar algum caso de racismo, o que mais o chocou o informante A lembra que o episódio ocorreu com um colega de profissão.

O caso mais chocante de racismo ocorreu com um colega meu. Fomos fazer uma matéria em um condomínio, desses de classe média, estávamos arrumados de forma normal, meu colega ele é bem mais negro que eu, a pele, bem mais escura. E ele foi na frente, quando cheguei no local, atrasado, estava uma confusão na portaria pois uma moradora ligou para a segurança avisando que ele era um suspeito que iria assaltar o carro dela que estava estacionado na frente do condomínio. Esse dia foi um horror até conseguirmos acalmar os ânimos e explicar a nossa situação em quanto jornalistas. Esse com certeza foi o momento mais racista da minha vida que vivenciei com esse colega, situação muito triste (Informação Verbal<sup>30</sup>).



<sup>28</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante A, em 10 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>29</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante A, em 10 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

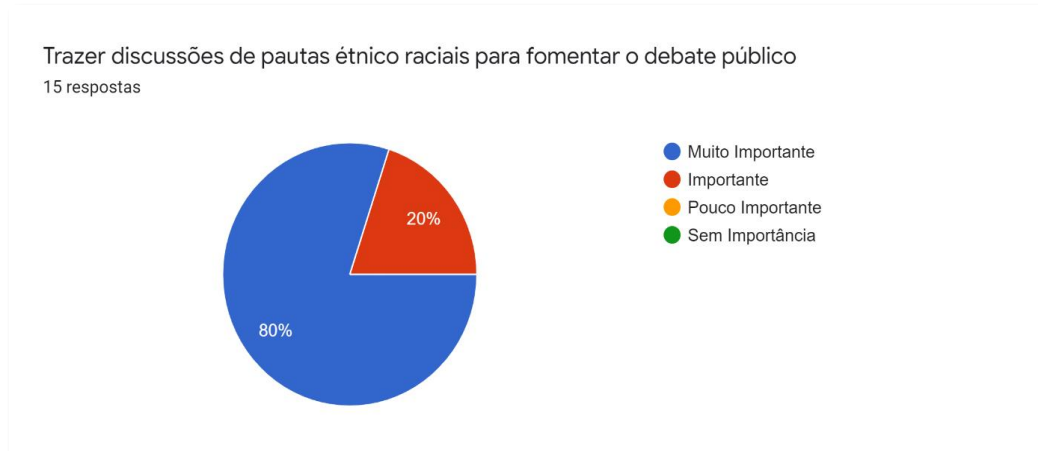
<sup>30</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante A, em 10 de mar. de 2022. Imperatriz, MA.

**GRÁFICO 18** – Google Forms. Respeito Étnico.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Ser respeitado por sua etnia também é considerado por 100% dos jornalistas negros como muito importante ou importante. Em contraponto, ainda em momentos de violência os mesmos reagem de forma passiva.

Quando sofro racismo, na hora não tenho uma reação, depois a gente para e pensa meu Deus, por que não falei nada? Sabe? É uma coisa que não dá para explicar. “Que negra bonita”, “só o cabelo que poderia melhorar”, “tem que se vestir melhor”, “negro bem vestido é mais respeitado”... São coisas que a gente ouve, pelo menos eu sempre escuto, mesmo em tom de brincadeira mas são coisas que paralisam a gente, até porque você espera esse comentário de todo lugar menos do seu local de trabalho. É muito fácil reagir na internet ou sei lá em qualquer outro momento, mas quando você está ali focado no trabalho e ouve isso, só depois você vai pensar: meu Deus foi racismo! E muitas vezes termino por deixar passar”. (Informação Verbal<sup>31</sup>).

De acordo com os relatos, o desrespeito à etnia é mais percebido por esses jornalistas em momentos de agressão verbal pessoal, quando em algum momento a sua cor ou seu fenótipo é usado de maneira depreciativa ou sarcástica.



**GRÁFICO 19** – Google Forms. Discussões pauta étnico raciais.  
FONTE: Elaborado pelo autor

Trazendo discussões de pautas étnico raciais para fomentar o debate público também é outro ponto considerado muito importante ou importante em sua totalidade pelos jornalistas negros. Nos veículos e na prática profissional em si, as pautas e fontes definem, em grande medida, cada um dos veículos de comunicação.

<sup>31</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante C, em 25 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

Eu percebo que as matérias são sim racistas, o negro é sempre o traficante, eu, quando vejo esse tipo de título, já imagino que o jornalista seja branco, as vezes pode nem ser, mas cara essa é uma cultura do mercado, é uma triste realidade social, quem emplaca as pautas de violência são os negros e quando são os brancos nessas pautas o tratamento do texto é outro, falta preparo por nós mesmos Jornalistas”. (Informação Verbal<sup>32</sup>).

Percebemos aqui que algumas atitudes são tão repetidas ao longo do tempo, que incorporam-se e passam a fazer parte da rotina nos veículos de comunicação. Essas atitudes, conforme relatam os informantes são normalizadas, vistas como algo normal no cotidiano. E é dessa forma sutil que as estruturas racistas tornam-se problemas de difícil questionamentos e contestação.

É isso a gente já tem na nossa lista de contatos as fontes oficiais e posso afirmar que mais de... digamos... 99% são de pessoas brancas. De fontes oficiais que eu tenha entrevistado recentemente, não lembro quem foi o último negro, os negros que lembro de entrevistar são mais de fontes populares nessas matérias mais comuns sabe? Aquela fala de poucos segundos de algum popular, geralmente é isso. (Informação Verbal<sup>33</sup>).

Do mesmo modo, essa definição também se dá pelo modo como esses veículos contam os fatos, como os narram, como selecionam quem será ouvido, qual o ponto de vista que será adotado sobre os fatos analisados. São escolhas que podem ou não ter como critério a pluralidade, a representatividade social, a diversidade em todos os seus aspectos. Nesse estudo é de grande relevância a identificação dos critérios ou falta de critérios conscientes que regem essas escolhas, pautas e fontes.

“A gente tem liberdade, o que falta mais é tempo e consciência, a nossa rotina é tão sobrecarregada que muitas vezes a gente não para questionar sobre isso. Agora eu estou aqui pensando e refletindo sobre o tema, mas na loucura da rotina isso não acontece” (Informação Verbal<sup>34</sup>).

Além da falta de preparo, tempo e precarização da rotina e condições de trabalho, os(as) jornalistas negros(as) estão acostumados a tratar do tema racismo apenas nas abordagens de violência, pensar em pautas raciais e discutir o tema no debate público tem sido algo “novo” e recente que se manifesta de forma ainda tímida no exercício da profissão em Imperatriz.

<sup>32</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante C, em 25 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>33</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante E, em 23 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>34</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante E, em 23 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

No veículo que eu trabalho sim, consigo publicar e selecionar fontes negras, perfis ou agora com os movimentos antirracistas em alta na grande mídia, esse texto, ele passa e consigo publicar no editorial. Mas observo que essa questão vem mudando. Dos dois últimos, ou três anos pra cá observo que a mídia vem se atentando mais sobre essa representatividade nas matérias. Claro sobre a pressão dos movimentos sociais, mas acredito que isso pode e deve virar uma cultura. Mesmo nessa faz de retrocessos que estamos vivendo, percebemos que a um interesse da mídia no geral em pautar a negritude (Informação Verbal<sup>35</sup>).

A análise das entrevistas mostra relatos em sua maioria discrepantes com relação aos questionários, há uma linha entre achar muito importante e tornar esse achar efetivo na prática profissional: “acredito ser importante, mas não publico” (Informação Verbal<sup>36</sup>).

Percebemos que apesar de acharem importante as pautas raciais no combate ao racismo, os jornalistas negros não se sentem preparados ou confortáveis para enfrentar a estrutura racista nos veículos em que estão trabalhando. O não preparo, a precarização, a desigualdade socioeconômica, são fatores observados nos relatos que contribuem para a manutenção da sistemática racistas e de invisibilidade na prática profissional.

#### **4.2 Quando me tornei negro?**

Conforme convenção do IBGE, ser negro no Brasil, é quem se autodeclara preto ou pardo, pois população negra segundo o instituto é o somatório de pretos e pardos. Quando trazemos essa ideia para o campo dos sentidos, observamos que o processo do “ser negro”, contempla questões como, ancestralidade, negritude, consciência e identificação.

Uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência

---

<sup>35</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante E, em 23 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>36</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante E, em 23 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (ALMEIDA, 2018, p. 53).

Apresentar uma reflexão a respeito das diversas camadas que formam os sujeitos torna-se um desafio para a concepção dessa ideia de identidade. Conforme Stuart Hall (2006, p. 13), “o sujeito não [é] autônomo e autossuficiente, mas [é] formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela [habitam]”. Partindo dessa ideia de processo:

a identidade é constituída no decorrer do tempo por meio de processos inconscientes. Isso significa que a identidade do sujeito pós-moderno não é inata, nem fixa, nem permanente e muito menos única. No interior do nosso aparelho psíquico, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos (HALL, 2006, p. 37).

A partir dos relatos dos(as) jornalistas negros(as), percebemos que existe uma dificuldade em perceber em que momento se definem como negros(as) e o que para eles(as) seria “ser negro”, afinal, esse é um questionamento social invisibilizado em suas vivências.

A tabela a seguir expõe um resumo das falas recorrentes entre esses(as) profissionais negros(as) a respeito do momento em que se identificam como negros.

**TABELA 2**

Percepções de jornalistas negros(as) sobre identidades negras

	<b>Quando me tornei negro?</b>
<b>Informante A</b>	Desde muito cedo na minha família nos reconhecíamos como negro, “olha a gente é negro”, sempre ouvia isso. E também por conta do preconceito, desde muito cedo na escola ouvindo piadinhas racistas. É nesse momento que me recordo de já me reconhecer como negro. Quando eu entrei na Universidade eu já tinha essa consciência de ser negro.
<b>Informante B</b>	Eu me defino como negra. Demorei muito pra me entender. A negritude é muito associada a escravidão e quanto menos tinta você tem na pele menos você é reconhecida, que é o meu caso. Eu me defini como negra a partir dos movimentos sociais e com o meu envolvimento já na faculdade e nos grupos que participo.



<b>Informante C</b>	Então pra mim foi mais difícil me perceber como negra até porque todas as questões como até do meu cabelo não foram alvo de preconceito. Eu posso dizer que me percebi quando sofri racismo no trabalho e aí conversei com uma colega professora de história pra tentar entender, foi quando ela me abriu os olhos por ser uma questão de racismo e foi a partir daí que me entendi de fato como negra e não apenas como uma característica de pele ou cabelo.
<b>Informante D</b>	Eu vim me reconhecer como negra já no mercado profissional mesmo, quando passei por algumas situações. E me vi representada em outras jornalistas da grande mídia. Esse não foi um tema abordado durante a minha vida e nem questionado o preconceito, apenas aceitado. Hoje me vejo como negra e me autodeclaro, mas acredito que ainda estou nesse processo de consciência.
<b>Informante E</b>	Pra mim é um orgulho ser preta, venho de uma família de negros e minha vida desde sempre foi uma responsabilidade pra lutar contra o sistema e me inserir. Então desde sempre tivemos uma ética de reconhecimento em casa.
<b>Informante F</b>	Eu sou negra, mas eu sou uma negra que me encaixo no padrão da sociedade. E me percebi como negra no ensino médio por sempre me achava a mais excluída. Eles faziam eleições para eleger a pessoa mais feia da turma e eu sempre era eleita. Então assim nesse momento você pra refletir né, pensa eu sou diferente? A partir dos questionamentos você se percebe como ser negra.
<b>Informante G</b>	Desde meu ensino fundamental me percebi como negra. Eu lembro que teve uma atividade que tinha que marcar a sua raça e eu respondi “morena” e eu tive uma professora que dizia que não existia morena e que a raça era negra e não morena. Foi a partir daí que tive a lembrança de me entender como negra. Na época foi um choque pois não me reconhecia e foi a partir daquele momento eu comecei a me reconhecer.
<b>Informante H</b>	Na minha casa somos dez negros, então desde sempre fomos uma comunidade. Lá em casa fomos ensinados a nos posicionar e nos respeitar. Um exemplo é que fomos ensinados a nunca aceitar apelidos em decorrência da cor, porque pra gente isso é uma forma antes de ver a pessoa, enxergar sua pele.

FONTE – Elaboração do autor

Como podemos observar, a maior parte dos entrevistados relatam que se percebem negros(as) a partir de algum momento das suas vidas, por muitas vezes citadas, atrelados à uma subcamada do racismo. Para alguns profissionais, a identificação antecede à prática profissional, mas observamos ainda que em alguns

momentos de violência ou racismo é que esses profissionais perceberam-se enquanto negros.

A estrutura social é constituída por inúmeros conflitos - de classe, raciais, sexuais, etc. -, o que significa que as instituições também podem atuar de maneira conflituosa, posicionando-se dentro do conflito. Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratassem de maneira ativa e como um problema de igualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como "normais" em toda a sociedade. (ALMEIDA, 2018. p.36)

A pergunta "Quando me tornei negro?" se torna ainda mais difícil para esses profissionais quando relatam suas vivências nas instituições, pois estes profissionais alegam não se sentirem representados ou percebem essa falta de forma geral. "Em Imperatriz, eu não tenho nenhuma referência de jornalista negro. No circuito nacional até vemos alguns, mas local não temos mesmo. Na minha vivência eu posso contar nos dedos os negros que eu conheço." (Informação Verbal<sup>37</sup>).

### 4.3 O jornalista negro ganha menos

A pesquisa realizada pelo *Jornalistas & Cia* e *Portal dos Jornalistas*, intitulada "Perfil Racial da Imprensa Brasileira"<sup>38</sup>, realizada em novembro de 2021, que levanta questões étnico raciais dos jornalistas mostra que a maioria, 57%, dos entrevistados identifica essa marca em sua trajetória na imprensa brasileira. A pesquisa ouviu 1.952 jornalistas por todo país, apresentando à sociedade um resultado consistente, ainda que inicial, sobre o perfil racial da imprensa brasileira.

---

<sup>37</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante E, em 23 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>38</sup> Disponível em: < <https://perfilracial.portaldosjornalistas.com.br/>>. Acesso. 29 de nov. 2021.

	COR / RAÇA						Total
	Branca	Preta	Parda	Negro (Preta+Parda)	Amarela	Indígena	
	%	%	%	%	%	%	
Até R\$ 3.300	22,9	46,4	39,3	41,7	25,0	25,0	26,7
De R\$ 3.301 até R\$ 7.700	40,8	30,0	35,0	33,3	45,0	25,0	39,3
De R\$ 7.701 até R\$ 11.000	12,8	11,8	8,6	9,7		25,0	11,9
De R\$ 11.001 até R\$ 16.500	9,2	5,5	5,0	5,2	10,0		8,4
De R\$ 16.501 até R\$ 22.000	3,8	0,9	5,0	3,6	5,0		3,8
De R\$ 22.001 até 33.000	3,2	0,9	1,4	1,3		25,0	2,7
Mais de R\$ 33.000	1,9	0,9		0,3			1,5
Prefiro não informar	5,5	3,6	5,7	5,0	15,0		5,6
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Base: 750 entrevistas (amostra ponderada pelo peso de cor/raça entre os profissionais de redação)  
Fonte: Pesquisa Perfil Racial - Fase 1 - Questionário autopreenchido

FIGURA 1 – Faixa salarial dos jornalistas no Brasil.  
FONTE: Perfil Racial da Imprensa Brasileira. nov. 2021, p.14.

A figura acima é um recorte comparativo entre estes profissionais apresentando uma predominância relativa de negros, 41,7%, contra 22,9% entre os brancos. Percebemos que essa distribuição reflete a ocupação de cargos de chefia, em que predominam os brancos.

Para entrarmos no cenário de Imperatriz-MA é importante olharmos para o mercado a partir dos dados do IBGE (2010). A amostra por características da população de mais de 10 anos no mercado de trabalho por cor e raça (pretos e pardos) apronta que, na cidade, das 107.617 pessoas empregadas, 73.202 se autodeclara como pretos ou pardos. Esse número corresponde a 68,2 % da população no mercado.

	Branco	Pretos	Pardos
BRANCA			
Classe de rendimento			
Sem rendimento	820	299	2.351
Até 1/8 de salário mínimo	1.573	504	4.468
Mais de 1/8 a 1/4 de salário mínimo	4.798	1.464	16.017
Mais de 1/4 a 1/2 salário mínimo	16.098	5.659	41.097
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo	22.485	7.179	47.291
Mais de 1 a 2 salários mínimos	15.505	3.213	24.304
Mais de 2 a 3 salários mínimos	5.851	593	6.461
Mais de 3 a 5 salários mínimos	4.287	433	3.675
Mais de 5 a 10 salários mínimos	1.879	134	1.841
Mais de 10 salários mínimos	1.509	77	749

FIGURA - Comparativo de salário / Imperatriz (IBGE, 2010).

Quando observamos os dados acima, percebemos que quanto mais a média salarial aumenta, aumenta o número de brancos e diminui o número de pretos ou pardos. Isso mostra que os “pretos ou pardos” apesar de serem maioria no mercado estão sempre ocupando cargos com menores remunerações.

Só para se ter uma ideia, das mais de 107 mil pessoas que participaram da pesquisa IBGE (2010), apenas 77 das pessoas que se autodeclaram “pretos” e ganham mais de 10 salários mínimos, em contraponto, na faixa salarial de ¼ a 1 salários mínimos temos mais de 82.000 de incidência de pessoas entre “pretos e pardos”.

Essa realidade se estende ao jornalismo local. Os entrevistados relatam que os jornalistas negros, ganham menos. E o fato mais pujante é que mesmo quando conseguem chegar em cargos de chefia ou destaque ganham menos que os jornalistas brancos.

Haja vista essa produção estrutural racista, Silvio Almeida (2018, p, 142) chama atenção para a esse problema, quando a sociedade considera normal que a maioria das pessoas negras recebam menores salários, sujeitem-se a trabalhos mais degradantes, não frequentem as universidades e não ocupem funções de poder.

Aqui na região o salário é baixíssimo quando comparamos com a média nacional. A gente trabalha por três e ganha o salário de menos um (*ironiza*). Hoje temos uma rotina extremamente cansativa, muito mais de 5 horas, o empregador tem uma ideia que estamos 24h online e disponíveis. São novos formatos exaustivos de trabalho (Informação Verbal<sup>39</sup>).

A realidade salarial apresentada pelos entrevistados estende-se também a uma questão racial. A entrevistada que ocupa o maior cargo dentre os(as) demais participantes da pesquisa, afirma que mesmo ocupando uma posição de destaque, a precarização aliada ao sexismo e racismo impõe distorções salariais em relação aos profissionais brancos.

A existência de representantes de minorias em tais posições [de poder] seria a comprovação da meritocracia e do resultado de que o racismo pode ser combatido pelo esforço individual e pelo mérito. Essa visão, quase delirante, mas muito perigosa, serve no fim das

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante C, em 25 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

contas apenas para naturalizar a desigualdade racial (ALMEIDA, 2020, p. 109).

Mesmo nessa realidade apontada por Silvio Almeida, dos negros em cargos de poder (exceções) apresentam distorções. “Estou em um cargo de chefia, mas quando fui promovida, a proposta salarial foi muito inferior a quem ocupava esse lugar”, (Informação Verbal<sup>40</sup>).

Lélia Gonzalez (1982. p.77) comenta que o negro enfrenta uma estrutura de oportunidades sociais diferente e mais desfavorável que a do branco.

A minha realidade é confortável porque sou concursada, e o salário é estipulado por lei, tenho apoio técnico, mas como jornalista negra, observando a realidade dos colegas é muito injusto. Destoa se você trabalhar em uma grande empresa, mas no mercado em geral é bem racista e precário. E por mais que você mostre talento dentro da profissão fica mais difícil para quem é negro alcançar cargos melhores, mais bem pago ou de destaque (Informação Verbal<sup>41</sup>).

O relato acima, expõe uma triste realidade do jornalismo brasileiro e imperatrizense, o atraso no que se refere à implementação de iniciativas que busquem diversidade e inclusão racial no mercado. Ainda são muito poucas as ações e oportunidades engajadas na direção da diversidade e do antirracismo, fazendo com que esse profissional busque oportunidades de exceção como concursos públicos ou algo que dê um retorno mínimo não encontrado no mercado privado.

#### **4.4 A Imagem construída sobre o jornalista é branca**

A partir das percepções dos(as) jornalistas negros(as), identificamos que a questão do fenótipo é fator que transita entre essas relações racista no exercício da profissão.

Quando delimitamos as entrevistas para as jornalistas, percebemos que há uma cobrança ainda maior quanto aos estereótipos, principalmente ao cabelo. Essas identidades sofrem constantes agressões quando o corpo negro e suas singularidades são colocadas como prerrogativas de inferiorização ou desrespeito, atrelando a prática profissional a essa mediação do racismo.

---

<sup>40</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante C, em 25 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

<sup>41</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante E, em 23 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

TABELA 3

Entrevista: Racismos e fenótipo percepções dos jornalistas negros palavras recorrentes

	<b>Comentários racistas a partir das características de fenótipos</b>
<b>Informante B</b>	“Arruma melhor o cabelo. Tem que prender esse CABELO. Teu cabelo era melhor antes. Esses são alguns comentários que escuto na minha rotina de trabalho. Você não é tão negra assim, e por aí vai”.
<b>Informante C</b>	“Já aconteceram diversas vezes, me questionarem: porque você mudou o cabelo? Será que vai ficar legal esse CABELO? Esse é cabelo de jornalista? O meu crespo incomoda muito ainda. Antes eu sentia muito uma pressão pelo cabelo liso”
<b>Informante E</b>	“Vou falar a verdade, eu não sofro tanto racismo, eu geralmente sou elogiada por ser negra, de fato sou uma negra que eles dizem que estou no padrão, negra bem vestida, com o CABELO bem cuidado, traços finos no rosto. Sempre escuto: nossa você é uma negra muito bonita”
<b>Informante G</b>	<p>Eu sou mais uma representante enquanto contratante e como coordenadora do que representada. A aparência física ainda é o que conta, e eu me cobro muito pra tentar colocar representatividade de quem aparece no vídeo, mas ainda encontramos muitas dificuldades. Talvez até pelo fato de não terem pessoas negras na TV você não se inspira para se desafiar.</p> <p>Até quando eu atendia aos padrões normais, que era o cabelo liso, não sofri muito. Mas no período de transição, nossa ouvi muitos comentários, até do tipo: qual o significado desse CABELO? Que moda é essa? Com o tempo foi melhorando e já não escuto mais, talvez pela minha posição, não sei. Mas o processo de transição do CABELO foi o que eu mais me sentia desconfortável e ouvia muitas opiniões.</p>

FONTE – Elaboração do autor

Conforme nos explica Costa (2003, p. 141):

é uma ideologia da cor e a ideologia do corpo construída socialmente que constitui no corpo negro o campo de batalha, então o sujeito negro repudia a cor e repudia o corpo a partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo próprio corpo. (COSTA, 2003, p. 141).

Essa normalização dos racismos e distorções dos discursos estão tão em evidência que encontram caminhos perspicazes e extremamente sutis para propagar esses racismos. Conforme observamos o relato da Informante E, os próprios elogios recebidos pela profissional objetificam e criticam a questão fenotípica do negro. Afinal, quanto menos características de negro você tiver para além da cor, mais próximo ao ideal de beleza você estará. Esses relatos nos mostram a imposição estética racista colonizadora, que imputam gatilhos de constrangimento e rejeição às profissionais.

Uma mulher negra pode alisar seus cabelos na busca consciente ou inconsciente pela estética europeia/caucasiana que foi cunhada pelo colonizador como aceitável, agradável, desejável. Embora essa deturpação de suas características fenotípicas possa lhe trazer uma sensação de bem-estar ao se vislumbrar diante de um espelho, saber que esse cabelo não é seu e, portanto, exigirá um conjunto de cuidados para se manter, incluindo táticas para que os outros esqueçam esse detalhe, o incômodo e a insatisfação inevitavelmente circula pelo seu interior e acaba por alimentar frente as dificuldades de manter a aparência colonizada, as rejeições do sistema racista que sempre a vitimaram (BERTH, 2018, p. 94).

Conforme informa Costa (2003), é dessa maneira que o racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Através da repressão ou persuasão, levando o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. “Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer” Costa (2003, p. 140).

Outro fato a ser destacado, é que essa mediação impositiva racista parte das próprias instituições, em algumas delas à uma espécie de patrocínio aos padrões branquitude. “A gente que é repórter de TV e que trabalha na tela, recebemos o que a gente chama de “auxílio chapinha”. A empresa paga um valor a mais pra gente ir no salão de cabeleireiro e as vezes fazem parcerias. Então assim, meio que o tratamento de beleza é ter o cabelo liso para aparecer na tela”. (Informação Verbal<sup>42</sup>).

Lélia Gonzalez (1982. p.77) analisa que o preconceito racial constitui então a atitude justificativa necessária para a fácil exploração de uma raça. “Para dizê-lo de

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante D, em 25 de fev. de 2022. Imperatriz, MA.

outra forma, o preconceito racial é uma atitude social que acompanha as práticas exploratórias raciais da classe dominante numa sociedade capitalista”.

Esses significados são caracterizados pelas distorções e importâncias atribuídas a esses mecanismos de dominação de classe. “Os arranjos racistas operam em benefício da classe capitalista e em detrimento de todos os trabalhadores” (GONZALES. 1982. P.77). Nesse processo não há um ou dois atores responsáveis, mais sim um processo racista estrutural sistêmico que encontra das mais diversas formas perdurar e sustentar-se na atualidade.

Outra realidade enfrentada pelo(as) jornalistas negros(as) é questão da não identificação enquanto jornalistas em decorrência da cor.

**TABELA 4**

A Não identificação profissional

	<b>Relatos de Não identificação profissional das fontes para com Jornalistas Negros</b>
<b>Informante A</b>	Já aconteceu muito mesmo de ir para cobertura de pautas e perceber o espanto quando me identifico como jornalista. “VOCÊ É O JORNALISTA?”, fora as caras e bocas que fazem quando me identifico como jornalista.
<b>Informante G</b>	Já aconteceu muita coisa traumática principalmente quando sua fonte oficial é alguém classe A, você sempre é barrado e precisa ligar pra redação ou mostrar inúmeras IDENTIFICAÇÕES para ACREDITAREM que, sim, você é a jornalista.
<b>Informante F</b>	Até hoje mesmo em uma posição e chefia que ocupo quando entro em reuniões percebo que NÃO SOU IDENTIFICADA como chefe. As vezes quando o participante não me conhece se reporta a outra ou outro jornalista branco como chefe e ai eu preciso sempre me apresentar e es vezes reforçar o cargo que ocupo, se não fico de escanteio.
<b>Informante H</b>	eu trabalho com rádio e o que já ocorreu bastante foi quando me identifico como jornalista em algum espaço e digo meu nome, quem já conhece minha voz diz algo como: nossa! TINHA TE IMAGINADO DIFERENTE. logo pergunto: diferente como? e até hoje, nunca obtive respostas é sempre: só diferente. mas a gente sente que a resposta é: tinha te imaginado branco.



--	--

FONTE – Elaboração do autor

**TABELA 5**

Entrevista: Discriminação racial. Percepções dos jornalistas negros palavras recorrentes

	<b>Relatos discriminatórios sofridos pelos Jornalistas Negros</b>
<b>Informante A</b>	O maior racismo que a gente sofre é esse mesmo estrutural, tudo na gente é motivo de comentar falam do cabelo da cor e a gente começa a achar normal. Isso é o que mais me incomoda de tanto ouvir esses comentários e por a rotina ser tão corrida a gente deixa passar.
<b>Informante B</b>	O que eu percebo são mais olhares né, por estar em um local ter conquistado um espaço percebo olhares. O que sinto mais é a falta de liberdade, a gente negra não tem liberdade para colocar nossas pautas de vida no mercado. Toda vez que comento sobre pautas negras ou sou ignorada ou é mimimi.
<b>Informante C</b>	Acredito que o racismo maior que sofri e sofro é quando tento implacar negros no meu trabalho quer ser em pautas ou imagens e percebo que a empresa ou o cliente opta por não colocar, percebo isso.
<b>Informante D</b>	As próprias “piadinhas” isso é o que mais me incomoda, por mais que eu tenha consciência e orgulho de quem eu sou ouvir piadinhas por ser negro feio ou me compararem com qualquer negro de forma caricata é o que mais me incomoda.
<b>Informante E</b>	Eu enquanto locutor tenho uma longa história do que poderia destacar como racismos. Mas o que mais me marcou foi de uma senhora de uma loja que não queria que eu anunciasse com a minha voz quando ela descobriu que eu era negro, enquanto só ouvia a voz estava tudo bem. Mas quando fui fazer um ao vivo e ela descobriu que eu era negro tive esse problema.
<b>Informante F</b>	O racismo que mais sofro mesmo é na questão salarial mesmo, receber menos do que o colega branco no mesmo cargo de equivalência é bem humilhante. E o fato também de estereotiparem minha transição capilar, falar que estava melhor antes, ficar o tempo todo comentando sofre é algo desconfortante.

<b>Informante G</b>	Eu sempre sinto que sou colocada pra baixo, lembro que já sofri racismo de uma fonte que não querida dar entrevista e disse, “essa negra que a jornalista”? E quanto eu fui me queixar na empresa do episódio o que eu ouvi foi: você precisa se arrumar mais para ser levada mais a sério. Esse foi um dos piores episódios que carrego a magoa comigo até hoje.
<b>Informante H</b>	O que mais posso considerar como sofrimento é o racismo velado, a falta de liberdade de me expressar como mulher negra e ainda sinto uma pressão por um estereótipo de beleza, cabelo liso, muita maquiagem essas coisas.

FONTE – Elaboração do autor

Os relatos das tabelas acima, infelizmente “trazem à tona” uma realidade racista que já está exposta na superfície e que é normalizada. Ainda que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em vários artigos, destaque o direito à dignidade, este princípio está muito mais nos discursos do que no exercício da profissão.

No caso do jornalismo brasileiro, este pensamento abissal parece estar tão enrustado em uma parcela significativa das instituições. As relações processuais entre as matrizes culturais, lógicas de produção e formatos industriais nos mostram por meio das relações de institucionalidade e tecnicidade que o racismo encontra porta-vozes dentro da própria profissão, e que, por vezes, os próprios jornalistas, por estarem imersos nessa estrutura racial, colaboram para a estruturação e à amplificação do racismo estrutural.

Para enfrentarmos essas estruturas racistas, Silvio Almeida (2020) propõe compreender que a mudança desse paradigma deve acontecer nas esferas de comunicação, política e cultura.

Propiciar a abertura de um espaço político para que as reivindicações das minorias possam ser repercutidas, especialmente quando a liderança conquistada for resultado de um projeto político coletivo [...]. Desmantelar as narrativas discriminatórias que sempre colocam minorias em locais de subalternidades. Isto pode servir para que, por exemplo, mulheres negras questionem o lugar social que o imaginário racista lhes reserva (ALMEIDA, 2020, p. 110).

Alguns de forma intencional, outros, por mais que tentem acertar, escorregam ao ignorar as reflexões que se fazem necessárias a respeito do exercício da profissão. “Somente quem é negro, tem a sensibilidade de perceber quando está sendo tratado

com diferença por conta da cor”. (Informação Verbal<sup>43</sup>). Apesar disso, partimos e acreditamos em uma perspectiva progressista com relação ao enfrentamento do racismo estrutural em Imperatriz, Maranhão, Brasil.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa buscou compreender o processo de construção das identidades de jornalistas negros em Imperatriz (MA) que trabalham nos veículos de comunicação da cidade (TV, Rádio, Jornais e Assessorias).

Destacamos que para responder ao nosso problema de pesquisa sobre: Quem é o jornalista negro em Imperatriz do Maranhão? Como vive e trabalha? Quais as condições profissionais e de remuneração? E se existe preconceito racial nas empresas? Fez-se necessário traçar um plano metodológico quantitativo e qualitativo, com aplicação de questionários e entrevista, orientado pela teoria das mediações. Desse modo, desenvolvemos uma análise cultural, vinculada aos estudos culturais.

Utilizamos procedimentos metodológicos quanti-qualitativos, realizamos um levantamento para aproximação do campo de estudo, em seguida, por meio de observações e entrevistas, tivemos subsídios para tecer reflexões sobre aspectos das identidades negras e como esses jornalistas se percebem, destacando os desafios enfrentados por esses profissionais no campo da comunicação.

Por estarmos em um cenário pandêmico, tivemos bastante trabalho quanto ao levantamento dos profissionais, aproximação do campo e realização de entrevistas semiestruturadas. Pensando nisso, para o tratamento dos dados, e fazendo uso da Análise Cultural, tivemos a ideia de produzir gráficos e quadros comparativos e de recorrências para tratarmos as significações dos sujeitos acerca de suas identidades da forma mais clara possível.

A partir dos relatos desses profissionais, buscamos contribuir com a compreensão do processo de construção das identidades profissionais dos(as) jornalistas negros(as) de Imperatriz, MA.

A discussão foi orientada pela teoria das mediações (MARTÍN-BARBERO, 1998) e pelos estudos de identidade, de Stuart Hall (2003), além das discussões sobre

---

<sup>43</sup> Entrevista concedida para esta pesquisa pelo Informante H, em 08 de nov. de 2022. Imperatriz, MA.

negritude e racismo estrutural no Brasil. Retomando as mediações da tecnicidade e institucionalidade, concluímos que a tecnicidade é utilizada de uma forma pelos jornalistas negros para terem um posicionamento melhor no mercado, e a institucionalidade, por muitas vezes, reprime essa transformação social, essa mudança de padrão entre o racismo estrutural e uma sociedade mais diversa.

Em vários aspectos pesquisados a dificuldade dos negros para a ascensão e o desenvolvimento profissional é bastante marcada. São exemplos de estruturação do racismo a maior proporção entre os negros na condição de jornalistas com salários abaixo da média nacional.

Com isso, a análise dos resultados gerais de todas as fases desse estudo nos permite uma afirmação inicial bastante contundente: as redações jornalísticas brasileiras são mais brancas e o racismo está presente na vida de praticamente todos os profissionais negros durante seu percurso profissional.

A análise específica das entrevistas com jornalistas negros sobre racismo estrutural usado como recorte para este estudo, mostra que a discriminação ainda é recorrente mesmo nas redações ou em seu local de trabalho e em suas trajetórias profissionais. Permite afirmar que ainda hoje uma grande variedade de ações discriminatórias está presente nas redações brasileiras e imperatrizenses.

As ações racistas mais relatadas dizem respeito a aspectos relacionados ao preconceito racial em geral, discriminação pela aparência, discriminação no tratamento profissional e assédio racial.

O racismo estrutural é uma matriz cultural que está presente em Imperatriz do Maranhão de forma ampla e que institucionaliza essa relação de poder entre as instituições e os profissionais.

Assim, quando pensamos em racismos e suas estruturas, podemos formular que essa é uma violência que se manifesta de forma “sutil” para quem pratica, mas que o(a) jornalista negro(a) tem consciência do que está sofrendo e que essas práticas socialmente consideradas inaceitáveis, marcam suas vidas pessoais e profissionais.

## REFERÊNCIAS

ADGHIRNI, Zélia Leal. **O Jornalista: do mito ao mercado**. Estudos de Jornalismo e Mídia, v. 2, nº 1, 2005.

AGNEZ, Luciane Fassarella. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro: a carreira dos correspondentes internacionais**. Dissertação (Doutorado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural / Silvio Luiz de Almeida**. - São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 264 p. Disponível em: <[https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo\\_estrutural\\_feminismos\\_-\\_silvio\\_luiz\\_de\\_almeida.pdf](https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf)> Acesso em 19 ago. 2021.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **A luta contra o racismo e a questão da identidade negra no Brasil**. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 8, n. 1, jan.- jun. 2018, pp. 163-191.

BARROS, Ricardo Paes de. **Discriminação e segmentação no mercado de trabalho e desigualdade de renda no Brasil**. Brasília: Ipea, 2007

BONETTI, Alinne; ABREU, Maria Aparecida (Org.). **Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. Brasília: Ipea, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. In: BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.07-16

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Comissão Geral sobre o Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília: Ed. Câmara, 2008. 81 p

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

CARDOSO, Letícia Conceição Martins. **As mediações do *Bumba meu boi do Maranhão*: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares**. / Letícia Conceição Martins Cardoso. – Porto Alegre, 2016.

DOS SANTOS, J. A. **Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil**. *Historiæ, [S. l.]*, v. 2, n. 3, p. 143–160, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615>. Acesso em: 12 set. 2021.

DUBAR, Claude. **Trajectoires sociales et formes identitaires. Clarifications conceptuelles et méthodologiques**. *Sociétés contemporaines*, nº29, 1998. pp. 73-85. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/socco\\_11501944\\_1998\\_num\\_29\\_1\\_1842#](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/socco_11501944_1998_num_29_1_1842#). Acesso em: 05 out. 2019.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. Salvador, 2003. 336 p.

FRANKENBERG, Ruth. (1999b). **Race, sex and Intimacy I: Mapping a discourse.** Minneapolis: University of Minnesota. 1999. <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180098>.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed., São Paulo, Atlas. 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. – 10ª. ed. – Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais.** Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. **Identidade Cultural e Diáspora.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

JORNALISTAS&CIA; PORTAL DOS JORNALISTAS; INSTITUTO CORDA – REDE DE PROJETOS E PESQUISAS; I'MAX (org). **Perfil Racial Da Imprensa Brasileira.** Novembro 2021. Disponível em: <[www.jornalistasecia.com.br/edicoes/jornalistasecia1334A.pdf](http://www.jornalistasecia.com.br/edicoes/jornalistasecia1334A.pdf)>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 7 ed. –6 reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

LOPES, Tim. **Retrato da imprensa em preto e branco.** Revista de Comunicação, Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p.12-13, 1985.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada.** Tradução Laura Bocco. 4ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negro e alforrias, séculos XVII a XIX.** Novos estudos CEBRAP [online]. 2006, n. 74. p. 107-123. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-33002006000100007>>. Acesso 20 ago. 2021.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MOTOKI, Carolina. SUZUK, Natália. Coordenação Editorial. **Escravo, nem pensar! uma abordagem sobre trabalho escravo contemporâneo na sala de aula e na comunidade** / Repórter Brasil (Programa “Escravo, nem pensar!”) – São Paulo: Repórter Brasil, 2012. 2ª edição atualizada. 152 pág.

MORAES, A. L. Coiro. **A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas**. Questões Transversais, São Leopoldo, Brasil, v. 4, n. 7, 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490>. Acesso em: 15 set. 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades**. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 33, p. 109-117. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111217> >. Acesso em: 21 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **NEGRITUDE E IDENTIDADE NEGRA OU AFRODESCENDENTE: um racismo ao avesso?** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 4, n. 8, p. 06-14, out, 2012. Disponível em: < <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/246> > . Acesso em: 25 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira* [S.l: s.n.], 2004.

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

NASCIMENTO, Abdias. **MOVIMENTO DA NEGRITUDE: UMA BREVE RECONSTRUÇÃO HISTÓRICA**. Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan.-jun. 2005.

PORTO, Dayse. **A partir de marcos históricos, linha do tempo ilustra conquistas do movimento quilombola**. Terra de Direitos. 2017. Disponível em: < <https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/a-partir-de-marcos-historicos-linha-do-tempo-ilustra-conquistas-do-movimento-quilombola/22712> > Acesso: 10 ago. 2021.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. **Parresia e hermenêutica de profundidade nas trilhas de Hermes: raça e gênero em formas simbólicas sobre o jornalismo como profissão no Brasil**. 2016. 688 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SANTOS, José Antônio dos. **Prisioneiros da história: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional**. 2011. 281 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2013.

SUZUKI, Natália (coord.). **“Escravo, nem pensar! Uma abordagem sobre o trabalho escravo contemporânea na sala de aula e na comunidade / Repórter Brasil (Programa Escravo nem pensar!).** São Paulo: Repórter Brasil. 2015. Disponível em: < <https://escravonempensar.org.br/livro/linha-do-tempo/#1>> Acesso em: 22/08/2021.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución.** Buenos Aires, Nueva Visión. 2003.



## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### QUESTIONÁRIO “ONLINE” COM JORNALISTAS NEGROS

Pesquisa "JORNALISTAS NEGROS EM IMPERATRIZ"

Ao responder este questionário, você estará colaborando com o estudo “Papel e identidade profissional Jornalista Negro em Imperatriz-MA”, uma pesquisa de Mestrado em Comunicação vinculada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, conduzida pelo mestrando Welbert Queiroz, sob a orientação da Profa. Dra. Letícia Cardoso.

O questionário tem como público-alvo jornalistas imperatrizenses que se autodeclaram negros que atuam nos veículos de comunicação da cidade. Trata-se de um estudo inédito, por objetivar traçar um perfil identitário e, por isso, colaboração de cada um é muito importante para a iniciativa. A veracidade das informações é de extrema importância para a validade da pesquisa. Você levará menos de 10 minutos para responder ao questionário.

Agradecemos a sua colaboração!

Serão preservados e serão identificados como informantes A, B, C ou nomes fictícios!

#### **Sobre o seu sexo?**

- Feminino
- Masculino
- Outro

#### **A qual grupo racial você pertence?**

- Branco
- Preto
- Pardo
- Amarelo
- Indígena

Prefiro não declarar

**Você cursou o nível superior?**

- Não.
- Sim, em Jornalismo.
- Sim, em outra área.

**Você cursou alguma pós-graduação?**

- Não.
- Sim, especialização.
- Sim, mestrado.
- Sim, doutorado.

**Quanto tempo de profissão jornalística você tem?**

- Menos de 5 anos
- Entre 6 e 10 anos
- Entre 11 e 15 anos
- Entre 16 e 20 anos
- Acima de 21 anos

**Para qual tipo de mídia você produziu (ou produz) conteúdos jornalísticos?  
(Obs.: É possível assinalar mais de uma resposta)**

- Jornal
- Revista
- Televisão
- Rádio
- Agência de notícia
- Internet
- Outro:

**Que tipo de material você mesmo produziu (ou produz) durante sua atividade profissional? (Obs.: É possível assinalar mais de uma resposta)**

- Texto jornalístico
- Fotografia
- Vídeo

- o Áudio
- o Artigo opinativo
- o Infográfico
- o Conteúdo para blog, redes sociais ou outro:

**Qual a sua faixa de renda durante o período em que atuou (ou atua) como jornalista?**

- o Um salário mínimo
- o Até 2 salários mínimos
- o Até 4 salários mínimos
- o Entre 5 e 10 salários mínimos
- o Entre 10 e 15 salários mínimos
- o Acima de 15 salários mínimos
- o Não sei informar
- o Prefiro não declarar

**Você já sofreu algum episódio de racismo / constrangimento racial em sua profissão (do chefe ou em campo)?**

Sim não,  
não sei,  
não quero opinar.

**Se você já sofreu algum episódio de racismo exercendo o jornalismo, quem o praticou?**

Entrevistado fonte.

- o Repórter
- o Pauteiro
- o Produtor
- o Chefe de reportagem
- o Secretário de redação
- o Editor
  - o Diretor de redação
- o Colunista
- o Freelancer
- o Assessor de imprensa

o Atua em atividades fora das atividades jornalísticas

o Outro:

**Na sua visão, qual o grau de importância das características abaixo para se exercer a atividade de Jornalista:**

Competências	Muito importante	Importante	Pouco importante	Sem importância
Ter boa habilidade instrumental e domínio textual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compreender as novas tecnologias em comunicação (novas ferramentas)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Entender o que é notícia e o que é interesse público pautas raciais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Identificar, estudar e analisar questões éticas e raciais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter responsabilidade pessoal e social	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ter capacidade de separar vida profissional e pessoal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ser respeitado por sua etnia	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trazer discussões de pautas étnico raciais / para o debate público racismo e raças	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS

#### **SOBRE IDENTIDADE PROFISSIONAL**

- 1- Por favor, informe seu nome completo, idade e tempo de profissão como jornalista (Qual cargo exerce especificamente).
- 2- Resumidamente, me conte um pouco sobre sua trajetória até se tornar jornalista.
- 3 - Há quanto tempo trabalha com jornalismo e por que escolheu essa área?
- 4 - Em qual empresa atua e em quais empresas já trabalhou antes, na área da comunicação?
- 5 - Como define a função de jornalista? (Desafios e atrativos)
- 6 - Me conte como é a sua rotina diária no trabalho (pautas, fechamento, distribuição de tarefas, relacionamento com chefes e colegas etc.).
- 7 – Antes de entrar no mercado mercado de trabalho, quais eram suas expectativas na profissão?
- 8 - Você se sente realizado e representado na profissão?
- 9 - Qual a sua perspectiva de carreira? Quais os seus planos?
- 10 - A respeito de remuneração, acha justa? O que precisaria mudar?
- 11 - Que dificuldades você destaca no exercício da profissão?

#### **SOBRE IDENTIDADE NEGRA**

- 1 - Como você vê a questão étnica em sua vida pessoal e profissional?
- 2 – Você já sofreu racismo no exercício do jornalismo? E em outros momentos? Poderia falar sobre essas situações?
- 3 – Já presenciou alguma situação de racismo durante a profissão?
- 4 – Pra você, o que é ser negro?
- 5 – Pra você, o que é racismo? E qual sua visão sobre racismo estrutural?
- 6 – Já escreveu ou publicou algo sobre esse tema? (comente)
- 7 – Você tem muitos amigos jornalistas negros? Como você vê o negro no jornalismo?
- 8 - Você fez uso da política de cotas raciais para cursar jornalismo?
- 9 – Como você vê a desigualdade racial na profissão?

- 11 – Como você avalia os ataques racistas a jornalistas da “grande imprensa?” (se possível citar exemplos)
- 12 – Na sua percepção, como diminuir a desigualdade racial no país?
- 13 – Qual o papel do jornalismo no combate ao racismo?
- 14 – Você tem alguma referência de jornalista negro (a), que o (a) representa ou que admira?
- 15 – Lembra de ter identificado traços de racismo em publicações jornalísticas que te chamaram atenção? Quais?
- 16 – Você considera essa uma discussão importante para a sociedade?

## APÊNDICE C

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A presente pesquisa, sob o título: “**A PELE QUE HABITO: A construção da identidade profissional dos jornalistas negros em Imperatriz-MA**”, está sendo realizada em 2021, no âmbito do Mestrado em Comunicação, da UFMA – Campus Imperatriz, sob a orientação da professora doutora Letícia Conceição Martins Cardoso, e terá, como procedimento metodológico pesquisa de campo com entrevistas individuais. Em linhas gerais, a pesquisa pretende “compreender o processo de construção de identidade profissional dos jornalistas negros nos veículos de comunicação na cidade Imperatriz-MA”.

O resultado do estudo será apresentado como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social, pela Universidade Federal do Maranhão. Em concordância com o pesquisador, o entrevistado autoriza a gravação do depoimento em áudio e/ou vídeo e, posteriormente, a publicação do conteúdo. Fica assegurada ao entrevistado a possibilidade de manter contato com o pesquisador responsável pelos dados, para esclarecimentos necessários. Para isso, os dados para contato são: Welbert Queiroz. Rua D, Nº 15, Parque Independência (CEP: 65906-240). (99) 99180 5052. welbert.qz@gmail.com.

Desse modo, o entrevistado subscreve o formulário abaixo autorizando o uso de seus relatos no referido trabalho acadêmico.

Eu, \_\_\_\_\_, Carteira de identidade nº \_\_\_\_\_, endereço \_\_\_\_\_,

telefone \_\_\_\_\_, venho, por meio deste, comprovar minha participação voluntária na pesquisa realizada pelo mestrando Welbert de Sousa Queiroz, da Universidade Federal do Maranhão, intitulada “**A PELE QUE HABITO: A construção da identidade profissional dos jornalistas negros em Imperatriz-MA**”. Estou ciente de que me submeterei a responder as entrevistas de maneira voluntária e verídica, no que tange a finalidade desta pesquisa. Estou ciente, também, que posso deixar de responder qualquer pergunta sem que nenhuma implicação recaia sobre mim, além de concordar, para fins científicos, com a utilização das informações obtidas nesse estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

Imperatriz, MA

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_